



REVISTA DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

A CASA DO JOÃO

ABRIL 2024



REVISTA SEMESTRAL. DISTRIBUIÇÃO ONLINE GRATUITA. ISSN 2184-1233.
DIRETOR: JOÃO MANUEL RIBEIRO

FICHA TÉCNICA

www.trintaporumalinha.com.pt
geral@trintaporumalinha.com

Estatuto Editorial

<https://www.trintaporumalinha.com/revista>

Diretor

João Manuel Ribeiro

Chefe de redação

Beatriz Borges

Design e Paginação

Beatriz Borges

Equipa de redação

Lucinda Cunha (coordenadora)

Alexandra Duarte

Carina Novo

Joana Inácio

Manuela Vieira

Raquel Seça

Redação

Lg. Eng. António de Almeida, 30 3.º andar – Sala DD3
4100-065 Porto

Propriedade e Edição

Tropelias & Companhia Associação Cultural
Rua António Bessa Leite, 1516 C, 3.º Dto / 4150-074
Porto Contribuinte 508828325

Órgãos sociais

Mariana Vide Tavares (Presidente da Mesa da Assembleia-geral)

João Manuel Ribeiro (Presidente da Direção)

Ana Rosa Tavares (Presidente do Conselho Fiscal)

N.º Registo ERC 127032

N.º ISSN 2184-1233

Depósito Legal 433086/17

Periodicidade Semestral

Edição

Editora Trinta-por-uma-linha



ÍNDICE

4 Editorial

5 UAU...

25 de abril
GG4A

11 Falámos com...

Regina Duarte, Comissária do PNL
Márcia Ávila
Clara Haddad

28 Dossier

Dia Internacional do Livro Infantil
Livros que falam sobre livros

34 Lemos, gostámos e recomendamos

40 Jordi Sierra

Um escritor com guião enraizado na felicidade

47 Dia da Prevenção Contra os Maus Tratos na Infância

48 Dos livros para a tela

Coração de tinta

51 A palavra é tua!

54 Decálogo de escrita

Rody Royle

55 De viva voz

56 Citações

57 Para brincarhares

60 Notícias

EDITORIAL

Está vivo o sonho da primeira hora!

Quando, em 2017, lancei esta *A Casa do João*, estava longe de imaginar quão exigente é alimentar um projeto desta envergadura. Apesar disso, este é já o número 15.

Quero dizer: está vivo o sonho da primeira hora de oferecer uma revista de literatura infantil e juvenil alternativa, onde o facto noticioso coexiste com a crítica literária e a entrevista a personalidades relevantes do mundo das letras infantojuvenil.

O projeto está vivo e é agora revitalizado com uma nova subdiretora, a **Lucinda Cunha** (um profundo obrigado à anterior diretora-adjunta, **Andreia Abreu**), uma nova chefe de redação, a **Beatriz Borges** e uma nova e alargada equipa de redação, constituída por **Alexandra Duarte**, **Carina Novo**, **Manuela Vieira**, **Raquel Seíça** e **Joana Inácio**.

Este sangue novo comporta atualizações e mudanças, como se exige! Desde logo de grafismo, mas também de conteúdo e de extensão. Como a revista é digital, deixamos de ser condicionados pela limitação de número de páginas. Centramo-nos agora na produção e partilha de conteúdo relevante sobre a escrita e os escritores, a ilustração e os ilustradores, a mediação e os mediadores, os livros e os agentes de literatura infantil e juvenil. Tudo pela escrita, edição e promoção do livro e da leitura infantojuvenil.

Um projeto com estas características precisa de leitores e de colaboradores. Assim, gostava de lembrar que a secção “A Palavra é tua” está aberta à tua colaboração literária. Quer dizer que podes enviar os textos dos teus alunos ou filhos, sendo que, agora, podes também submeter para apreciação e publicação os teus poemas, contos ou crónicas infantis e/ou juvenis. Se queres publicar literatura infantil e juvenil, participar com textos em revistas como *A Casa do João* pode ser/é uma oportunidade para iniciar o teu caminho de escritor(a). Não tenhas medo. Envia-nos os teus textos para o número 16, até ao fim de setembro. Além disso, ficaremos felizes se nos fizeres chegar alguma sugestão de tema, de entrevistado ou recomendação.

Para bem da tribo (de leitores e escritores) da literatura infantil e juvenil.

Um abraço
Em nome de toda a equipa.

UAU...



25 DE ABRIL

Porque nos aproximamos do 25 de abril, no ano em que se comemoram os 50 anos desta revolução, quisemos dedicar este artigo a uma temática tão importante como é a liberdade. Soubemos que a Clara Haddad reuniu 30 sugestões de livros para crianças e jovens, sobre política, democracia, liberdade, eleições e direitos humanos. À boleia da entrevista convidámo-la a partilhar connosco algumas das obras que fazem parte dessa listagem.

«É importante relembrar a importância de introduzir as crianças no mundo da democracia. Falar sobre política, direitos e deveres capacita-os a se tornarem cidadãos informados e engajados em suas comunidades. Os livros sugeridos ao longo deste e-book são alguns que tenho utilizado em meu repertório como artista da palavra e partilho para colegas de trabalho, pais, mães e pessoas interessadas em contar histórias com temas dessa natureza. Cada história, cada personagem contribui para ampliar os horizontes das crianças e incentivá-las a pensar criticamente sobre o mundo ao seu redor»



O meu livro de política, de Jorge Sampaio

O ex-presidente da República Portuguesa deixou esta obra como legado para as nossas crianças. Uma autêntica lição sobre política, dever cívico e democracia.

Todos contam, de Kristin Roskifte Lilliput

Todos temos uma história. E todas as histórias são importantes. Um livro ambicioso, delicioso, único e provocador dentro do seu género, que nos faz pensar e querer olhar o mundo.



UAU...



25 DE ABRIL

O Destino de Fausto de Oliver Jeffers

Em tempos, existiu um homem que acreditava ser dono de tudo... Oliver Jeffers recria o destino de pequenos e grandes tiranos de todos os dias, numa fábula ilustrada que nos deixa espaço para refletirmos sobre a importância da liberdade e o poder da resistência.



Daqui ninguém passa, texto de Isabel Minhós Martins e ilustrações de Bernardo Carvalho

Havia um general que tinha um exército de guardas que seguia as suas ordens sem pestanejar. Todas as ordens, fossem elas quais fossem. Então, um dia, o general tomou uma resolução. Absurda, claro...

Os Invisíveis, de Tino Freita e Odilon Moraes

Um menino é o único na sua família com um superpoder: ele consegue ver os invisíveis. Numa narrativa em que palavras e imagens se complementam e surpreendem, o leitor é convidado a refletir sobre personagens quotidianas muitas vezes ignoradas pelas pessoas adultas. Um idoso sentado num banco de praça, a multidão do centro da cidade, uma mulher no mercado de trabalho... conforme o tempo passa, porém, o menino também vai se tornando adulto. O que acontecerá com seu poder?



UAU...



25 DE ABRIL

Era uma vez o 25 de abril, de José Fanha

José Fanha era pequeno quando se deu o 25 de abril de 1974. Com o passar dos anos, percebeu que os jovens de hoje pouco sabem desses dias distantes. Resolveu então contar a história de como era Portugal antes da Revolução dos Cravos, como se desenrolaram os dias do 25 de abril e como surgiu o Movimento das Forças Armadas que o fez acontecer.



Eleição dos Bichos, de André Rodrigues, Paula Desgualdo, Pedro Markum e Larissa Ribeiro

Os bichos já não aguentavam mais os mandos e desmandos do Leão. Decidem, então, convocar eleições! Mas o que é exatamente uma eleição? Para que serve? E quais são as regras para eleger um vencedor? Junta-te aos bichos da selva nesta aventura para descobrires como se elegem os nossos representantes e como funciona isto da Democracia.

Política para crianças, de Mafalda Cordeiro e Rita Antunes

Neste livro, vais aprender o que é a política, como se formam governos, a importância do voto e como a tua participação na sociedade pode influenciar o teu futuro. Um livro para aprender que a política é essencial para a cidadania participativa.



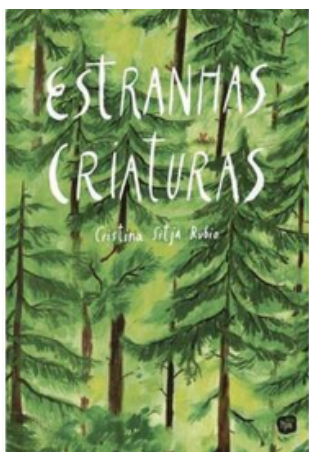
UAU...



25 DE ABRIL

O Muro no Meio Do Livro, de Jon Agee

Neste livro, dois personagens aparentemente diferentes estão cada um de um lado do muro, defendendo o que pensam ser melhor para si, mas não enxergam o que está bem à sua frente. A narração entre palavra e imagem convida a criança a aprofundar na história através das características de cada personagem.



Estranhas Criaturas, de Cristóbal León e Cristina Sitja Rubio

Narra a história de um grupo de animais que, ao voltar para a floresta depois de uma festa, têm uma surpresa péssima: seus lugares de morada desapareceram por conta de “estranhas criaturas” que tomaram tudo. Eles não ficam parados, procuram os humanos para protestar e buscam uma solução para o conflito.

Para além destas sugestões, as edições Assembleia da República lançaram uma coleção de títulos infantojuvenis chamada *Missão: Democracia*. São livros-álbum concebidos pelas mãos de vários escritores e ilustradores portugueses, dedicados a temas como a democracia, a liberdade, a lei, as eleições. São obras com ilustrações graficamente muito atrativas, divertidas e coloridas. No total serão 12 livros, sendo que 5 deles já estão disponíveis para compra no site: livraria.parlamento.pt/collections/missao-democracia

Carina Novo

UAU...

GG4A: Promover a literatura infantojuvenil além-fronteiras

A GG4A é um projeto internacional que nasceu em 2021 e promove obras literárias infantojuvenis europeias pouco conhecidas. Os participantes que compõem este projeto são a Trinta por uma linha (Portugal), a Editorial Malinc e Kud Sodobnost (Eslovénia), a Skaznuvalka (Macedónia) e a Editorial Alberdania (País Basco).

Para que esta parceria flua com naturalidade e organização, é necessário que os seus membros trabalhem em prol do mesmo objetivo. Deste modo, os eventos são essenciais para moldar uma boa relação e pôr em prática os diversos valores que os unem. Estamos a falar de *workshops*, troca de experiências, participações em feiras do livro e, até mesmo, videoconferências.

Para o público em geral, são de referir os eventos com participações especiais de autores, tradutores, ilustradores e, até mesmo, editores. Importa relembrar que o público-alvo deste projeto não são apenas as crianças, mas também os seus intermediários – sejam eles encarregados de educação, livreiros, professores, bibliotecários, ou contadores de histórias – e os que se interessam por literatura infantojuvenil.

Promoção de leitura

Ao falar desta parceria, é obrigatório também falar da promoção da leitura junto dos mais novos. Neste sentido, destaca-se um projeto especial criado pela editora Malinc que se baseia num questionário online acerca dos livros que os utilizadores leram. Nesta competição saudável dirigida aos jovens com idades compreendidas entre os 13 e 15 anos, são propostos diferentes livros de diversos países que os utilizadores devem ler. Depois, a equipa de 3 atletas deve responder ao questionário e resolver o enigma acerca da obra, provando que a leram. Àquela que ler mais livros será atribuído um prémio, além de tudo o que já ganharam no inerente ato de ler.



UAU...

GG4A: Promover a literatura infantojuvenil além-fronteiras

A escrita criativa

Além de promoverem a leitura, estas editoras trabalham também com escrita criativa. Para isso, são organizadas oficinas diferentes, dinâmicas e que oferecem vários materiais que os alunos podem continuar a utilizar depois do término dos *workshops* – como manuais, *webinars*, vídeos, entre outros. No seu site é possível encontrar uma pequena introdução a um deles que não nos revela apenas o seu assunto, mas também levanta o véu acerca do tipo de trabalho praticado por esta parceria. Falamos, obviamente, de um trabalho original que promete pôr os seus alunos a pensar fora da caixa e a refletir acerca da sua escrita.

Sabe mais em gg4a.eu/pt/gg4a-10

Além-fronteiras

Em conversa com o diretor da Trinta por uma linha, ficámos a saber que alguns livros portugueses já viajaram além-fronteiras, como é o caso d'*Os jeans da Joana*, de João Manuel Ribeiro. Por sua vez, várias obras de outros países também chegarão a terras lusas – como é o caso dos livros juvenis *Marta ante el espejo*, de Teresa Calo e *De hiel e miel*, de Patxi Zubizarreta. Este intercâmbio de literatura infantojuvenil tem a vantagem não só de expandir o mercado das editoras referidas, mas também de enriquecer culturalmente os leitores através de novas perspetivas, novos contextos e, principalmente, novas realidades. Ler uma obra de outro país é viajar até lá sem sair do lugar, afinal “todas as línguas são valiosas e em todas elas cabe o universo”.

Beatriz Borges



Falámos com...

REGINA DUARTE

Comissária do PNL

Fonte: LinkedIn



Ainda está numa fase inicial do seu trabalho como Comissária. Já fez um diagnóstico ao “estado de alma” do Plano Nacional de Leitura?

Sim, eu diria que sinto que já passámos um bocadinho essa fase inicial por isso, porque a fase inicial foi, de facto, para compreendermos bem os projetos que estavam a decorrer, que estavam a ser executados ou que estavam a ser lançados e para termos um olhar de quem vem de fora, que é sempre olhar privilegiado, e percebermos a coerência, a visão estratégica que estava por trás, e percebermos qual era a orientação que queríamos dar. Portanto, levámos algum tempo, propositadamente, com muito respeito pelo que estava a ser feito, para não tomarmos decisões precipitadas. Demo-nos esse benefício de levar tempo a analisar e a conhecer bem os projetos e decidirmos o que é que devíamos continuar, o que é que devíamos reajustar, o que é que devíamos introduzir de novo.

E isto, devo dizer, que em cima de trabalho de 15 anos de grande qualidade, um trabalho que mudou a forma como se olha para a leitura no país. Para nós, foi quase um exercício de recentrar e de percebermos o que era importante continuar ou não. Eu diria que sinto que já passámos essa fase inicial por isso, porque a fase inicial foi, de facto, para compreendermos bem os projetos que estavam a decorrer, que estavam a ser executados ou que estavam a ser lançados. Levámos algum tempo, propositadamente, com muito respeito pelo que estava a ser feito, para não tomarmos decisões precipitadas. Demo-nos esse benefício de levar tempo a analisar e a conhecer bem os projetos e de decidirmos o que era importante continuar ou reajustar.

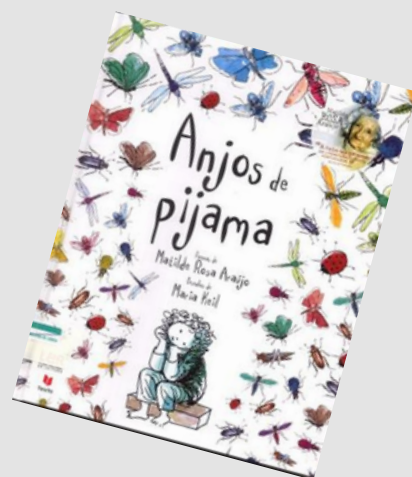
«Demo-nos esse benefício de levar tempo a analisar e a conhecer bem os projetos e de decidirmos o que era importante continuar ou reajustar»

A segunda pergunta tem a ver com a primeira, ou seja, quais as linhas de atuação a manter e quais as novas a implementar?

Há linhas de ação que são estruturais e que são muito importantes para nós. Nós quisemos criar trabalho muito sustentado nessas áreas. Por exemplo, nós sabemos que os alunos portugueses têm dificuldades em competências complexas de leitura.

Também sabemos que um aluno, um jovem que não saiba fazer inferências, que não compreenda bem o que lê, dificilmente se vai tornar leitor porque a leitura, para ele, vai sempre ser um exercício de esforço. Sem chegarmos aí, o trabalho de promoção da leitura fica comprometido. Os resultados têm mostrado que cerca de metade dos alunos no país não desenvolvem essas competências complexas. Fizemos um projeto, que estamos a desenvolver com 15 agrupamentos. É um projeto piloto para percebermos como é que podemos mudar este cenário. Estamos a trabalhar com os agrupamentos, os dados, as práticas, as perceções, os hábitos. Tem de haver elementos que entrem na sala de aula, que sejam alterados na sala de aula, nas práticas, e depois em todo o ambiente da escola em torno da leitura. A este trabalho chamámos o Plano de Ação para a Leitura. Depois, a leitura em família, para nós, também é fundamental e vamos anunciar, em breve, a reestruturação deste programa. Sabemos que é outra área de intervenção fundamental porque a diferença é enorme quando as crianças crescem numa casa com livros e leem com os pais: entram na escolaridade com mais vocabulário e com uma atitude diferente perante a leitura. Portanto, sabemos que, nessa fase, o que fizermos pode ser transformador no percurso escolar da

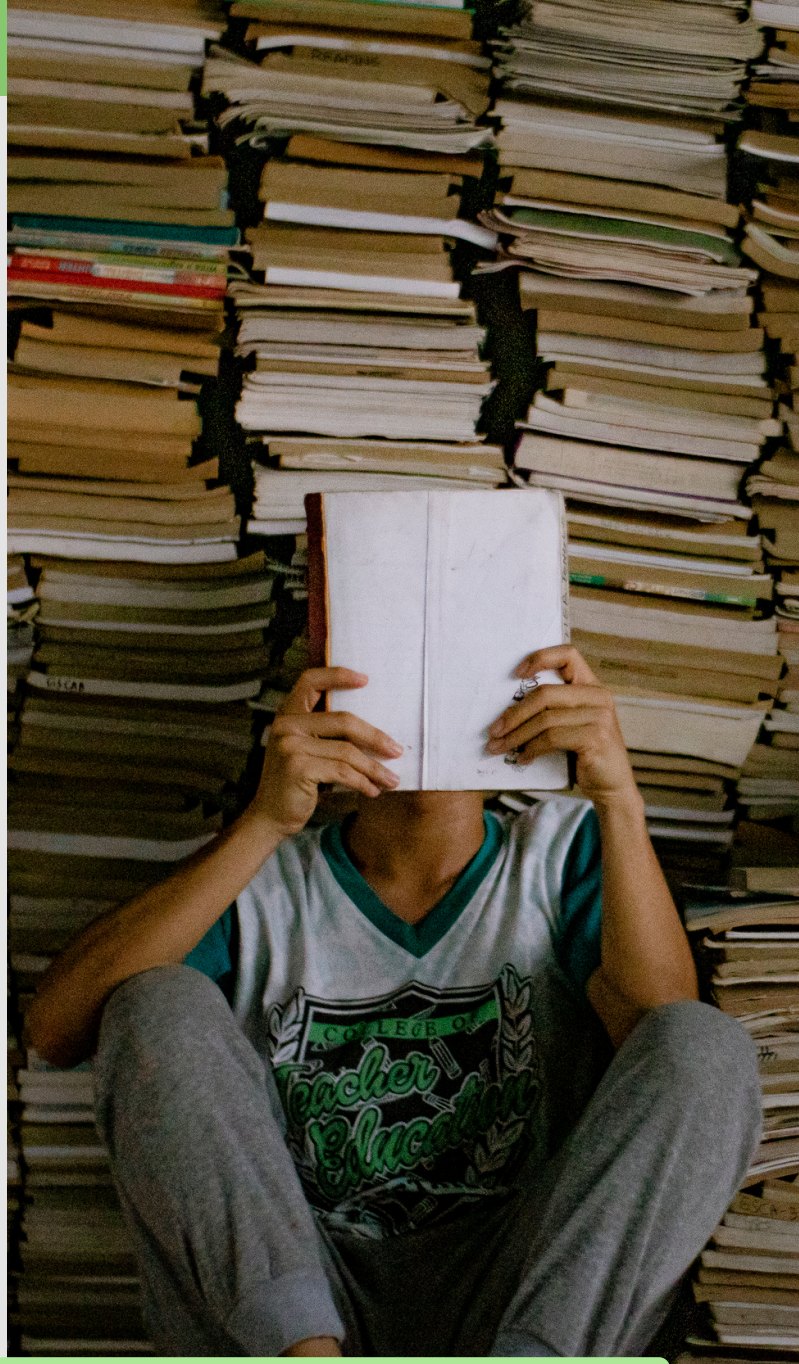
criança, mas, às vezes, também na vida da própria família. Vai passar a ser um programa muito mais ambicioso, muito mais sustentado. Criámos o LAB, e estamos a gostar muito deste formato, porque o LAB é muito flexível, está aberto para o público em geral, e temos recebido candidaturas muito interessantes. Tem este lado importante, que é percebermos qual é o interesse das pessoas, o que é que gostavam de desenvolver em termos de promoção de leitura. Por outro lado, podemos ajudar com a planificação, com a estratégia, com o conhecimento especializado e, em alguns casos, com financiamento (não em todos, não é esse o objetivo, não é estarmos só a financiar projetos, é podermos ajudar com a nossa experiência). Portanto, essa é outra área de atuação importante.



Temos tentado chegar mais à comunidade, ou seja, não estamos a descurar o nosso trabalho com as escolas, mas estamos a desenvolver muito trabalho para o público em geral, até porque, a partir de novembro, nos foi incumbida a missão de desenvolver o Plano Nacional de Literacia Mediática, que cabe ao Plano Nacional de Leitura desenvolver e este Plano também é para a população em geral. Portanto, estamos a investir muito neste trabalho com as comunidades, com os diferentes setores, com os planos locais de leitura. Temos trabalhado muito com os municípios e vamos continuar a trabalhar. Para nós, também é importante este aspeto, que os projetos ou os planos de ação sejam feitos a partir dos contextos locais. Faz mais sentido para nós do que estarmos a criar muitos projetos a nível nacional que farão sentido numas realidades, mas para outras não. Estes são apenas alguns exemplos do projetos novos.

Recentemente, ao consultar o site do PNL, notei que, ao domínio da leitura, se juntou o domínio da escrita. Quais as consequências para o PNL em termos de atuação? Está a pensar em ações para fomentar não só a leitura, mas também a escrita?

Nós estamos a desenvolver algum trabalho, nomeadamente com a Feira do Livro, com festivais literários, etc., que iremos anunciar também. Para nós, e para as escolas também, há essa perspetiva interessante que é: a escrita também nos ajuda a ler melhor, ou seja, não é só lermos o que os outros escreveram, mas o facto de nós nos pormos no lugar de quem escreve ajuda-nos a pensar melhor como é que o texto é construído, como é que o texto é desvendado, como é que eu construo e como acedo ao sentido.



«A escrita também nos ajuda a ler melhor»

Portanto, são, de facto, duas vertentes que estão sempre ligadas e queremos desenvolver algumas ações nesse sentido. Não parece fazer sentido um plano nacional de escrita, é mais evidenciar nas situações em que isso é necessário. Queremos anunciar também, para nós existe isso, e para as escolas também, existe essa perspetiva interessante, que é, hum, escrever também nos ajuda a ler melhor. Em outras palavras, não é apenas ler o que os outros escreveram.

O facto de nos colocarmos no lugar do escritor nos ajuda a pensar melhor sobre como o texto é construído, como o texto se desdobra, como acesso o sentido e como construo.

E então, na verdade, são dois lados que estão sempre conectados. E queremos desenvolver algumas ações nesse sentido para construir materiais didáticos para escolas, em que se trabalha as habilidades complexas de leitura. Para resolver o problema que falamos, e é isso que chamamos de LOSA 2. LOSA já existia antes. Chamamos de Fase 2 porque tem essa incidência muito específica. Mas muitas vezes, relacionado a isso, também tem trabalho de escrita. Então, sempre que fizer sentido, não é um plano voltado para a escrita. Podemos constatar também, olhando o site, e já estou a referir o site pela segunda vez, porque é de facto o portal onde podemos recolher informação sobre o Plano Nacional de Leitura, que existem muitas e variadas ações de formação no campo da leitura.

A formação de mediadores de leitura é uma aposta desde o início, é uma aposta para renovar, é uma aposta para intensificar. Vamos agora apresentar o plano de formação para este ano, em que teremos formação para docentes e mediadores de leitura docente. É uma formação que também não tem havido oferta, e nós, ao falar aos professores e diretores das escolas, percebemos que é uma área que continua a ser muito necessária ver. Também teremos formação para literacia mediática. Então estas são as três áreas em torno das quais o nosso plano de formação para este ano será desenvolvido. Este é um programa muito ousado e, no futuro, vamos apostar na formação de formadores.

O PNL também possui uma revista, a Entreler. Pode contar-nos um pouco sobre a política editorial dessa revista?

Recentemente, convidámos um corpo editorial com pessoas ligadas à leitura de diversas áreas e estamos a discutir o modelo que queremos para o futuro da interleitura. Queríamos muito que a interleitura tivesse uma componente científica, com revisão por pares e indexação, para que a investigação que se faz em Portugal, em leitura, possa ser publicada e possa ser reconhecida por quem a publica também. Sabemos que a indexação, hoje em dia, é muito importante para quem faz pesquisa, por isso queremos reconhecê-lo. Além disso, é mais uma parte de divulgação sobre leitura.

Isso significa que a revista terá um carácter mais científico?

Sim, uma parte da revista terá um carácter completamente científico, até porque pensamos que esse também é o nosso papel: incentivar a investigação e a leitura em Portugal. Se pensarmos bem, é curioso ver que há pesquisas de algumas pessoas em linguística, em aspetos específicos da leitura, há psicologia e há geologia. Há grupos que trabalham na descodificação e nos primeiros passos da leitura, mas não há muito mais. Se compararmos com outros países, vemos que há publicações de leitura de antropologia, de história, de etnografia, são todas áreas que não há investigação em Portugal. Gostaríamos, também, de contribuir para apoiar e motivar para que haja mais pesquisas.

«Queríamos muito que a interleitura tivesse uma componente científica»

Agora, uma segunda parte de perguntas mais provocativas. Infelizmente, o grande público ainda percebe que o PNL consiste apenas na recomendação de livros para leitura. Como você entende que é possível superar esse mal-entendido? E o que PNL fez para mudar essa percepção?

Eu diria que a maioria das pessoas, realmente, considera que o PNL recomenda livros para os alunos. Depois, há uma parte que diz que dizemos quais são os livros obrigatórios que as crianças têm de ler. Essa ideia é mais penalizadora. Temos feito e participado em muitas atividades com público, como feiras do livro, por exemplo, com o CCB, com outros parceiros, para o público em geral.

Na feira do livro, fizemos uma consultoria de leituras em que demos recomendações de leitura ao público. Fizemos um folheto com recomendações e foi muito bem recebido. Apostamos muito em sugestões de leitura para o público em geral. Fizemos sugestões temáticas. Há livros para crianças, para jovens, para adultos, ficção, não-ficção... Para nós, é muito importante esta questão das sugestões de leitura serem amplas, serem atualizadas, diversificadas nos autores, nos géneros, nos estilos, porque sabemos que os leitores são todos muito diferentes. Por isso, não podemos sair por aí fazendo recomendações de leitura para um perfil de leitor, já que tentamos fazer para todos. Agora, a partir de fevereiro, para cada mês, entregamos uma sugestão de leitura a um parceiro da sessão de leitura. Se isso muda as percepções, eu não sei. Gostaríamos de investir mais em comunicação, mas também sabemos que, quando os orçamentos são reduzidos, a comunicação é sempre negligenciada.

Achamos que deveríamos ter uma comunicação mais clara sobre o trabalho do PNL, até porque esse trabalho que fazemos, com os níveis de alfabetização e com a leitura, surpreende muita gente, mas eu diria que entre as ações que estamos a desenvolver para o público em geral, e alguns trabalhos de comunicação, que chegaremos lá.



Como vocês sabem, trabalhamos com escritores, na área da escrita. A revista é da editora Trinta-Por-Uma-Linha. Trabalhamos redação, edição e divulgação, e quando se começa a trabalhar assim, de forma mais próxima com os roteiristas, há uma pergunta recorrente que nos é feita, que é esta: quais são os critérios para recomendação de livros pelo PNL? Gostaria de saber se existem critérios concretos, ou se a recomendação depende exclusivamente de cada avaliador.

Não, não pode depender. Aliás, já tivemos uma reunião com os especialistas em que discutimos os critérios que já existiam, discutimos novos critérios e eles são públicos, estão publicados na página do PNL e, para nós, este exercício de transparência é muito importante, é fundamental. Os especialistas, ao analisarem os livros, escrevem uma justificação, tanto para ser aceite, quanto para ser excluído. Se as editoras tiverem alguma dúvida, ou não concordarem com essa apreciação, elas podem recorrer. Para nós, é importante que os critérios sejam explícitos. São critérios de qualidade, mas não só de qualidade do texto; de qualidade gráfica também; qualidade de tradução, quando for o caso, se forem livros traduzidos. A tradução pode comprometer a inclusão do livro num catálogo, porque é de baixíssima qualidade. Mas se você for ao catálogo do PNL, temos uma secção, que se chama “Recomendações”, com todo o processo e há uma secção chamada “critérios de apreciação”: dimensão estética, relevância, correção linguística, adequação, qualidade técnica e qualidade da tradução. O selo não é atribuído a um autor ou uma coleção. O selo é atribuído, individualmente, a cada livro.

E como vê a leitura de livros em formato digital? Será uma aposta para o futuro ou não? O PNL esteve atento a esse aspeto ou não?

Acho importante estar atento, claro. Não me parece que o livro digital substitua o livro em papel. É muito curioso vermos agora esta tendência dos jovens lerem, vermos esta recomendação entre pares que os jovens fazem nas redes sociais. É tudo sobre livros em papel, certo? Há uma tendência, e os estudos de mercado mostram isso, de os jovens comprarem livros em papel e fazerem as suas próprias bibliotecas. Eles têm esse gosto de ter uma biblioteca própria, o que é muito curioso numa altura em que a perceção é que os jovens só querem ecrãs. É muito interessante esse fator. Não me parece que o digital ameace o papel. Em Portugal, ainda temos uma percentagem muito, muito baixa de leitura digital. Diria mesmo que quem lê mais digitalmente em Portugal são as pessoas que também leem em papel. Não me parece que um esteja a substituir o outro e acho que ambos podem coexistir de forma muito pacífica. Eu, por exemplo, gosto do digital para viajar para não ir carregada com muitos livros. Sempre tenho que ter muitos livros, senão fico muito ansiosa. Se eu levar o meu Kindle, posso levar muita coisa e, se levar em papel, não cabem na minha mala, são pesados, etc., mas não substituem os livros em papel que ainda preciso ter.



«Diria mesmo que quem lê mais digitalmente em Portugal são as pessoas que também leem em papel»

«Para mim, um leitor ideal é aquele que tem muita curiosidade e tem autonomia suficiente para saber procurar livros»

Para o PNL, e também para si, quais são as características essenciais de um leitor ideal? O quê, ou quanto, um leitor ideal precisaria de ler?

Para mim, um leitor ideal é aquele que tem muita curiosidade e tem autonomia suficiente para saber procurar livros para satisfazer essa curiosidade. Esse misto de curiosidade e autonomia dará um leitor ideal que lerá o que quiser, o que lhe interessa, o que o alimenta, e que explorará novos gêneros, novos estilos, novos autores. Não ficarão numa zona de conforto apenas com o que lhes é familiar. É difícil chegar a esse leitor ideal porque tem de entender bem o que lê. Não creio que um leitor ideal deva ser alguém que lê um determinado número de livros. Eu leio muito, mas é por necessidade. Não sei se sou um leitor ideal. Sou uma leitora um pouco obsessiva e não creio que isso seja aconselhável para todos. Muitas vezes, existe aquela posição muito elitista de que um bom leitor é aquele que leu todos os clássicos ou todo o cânone. Claro que esses livros são clássicos por algum motivo, porque têm mensagens que continuam a falar connosco. É muito curioso que eu, que acho que já li quase tudo, sempre encontro um livro de há dois séculos que ainda não li. Então, acaba por ser um pouco pretensioso da nossa parte pensar que as pessoas, para serem bons leitores, têm que ter lido os russos, ou os franceses do século XIX, ou têm que ter lido todos os clássicos. Eu não penso assim. Acho que as pessoas que têm esse perfil de serem curiosas e de serem leitores autossuficientes acabam por encontrar no cânone e nos clássicos aqueles livros

que dialogam entre si e que fazem sentido nessa fase, até porque esse estilo de leitura muda ao longo da vida e precisamos de coisas diferentes em diferentes fases de nossas vidas. Por exemplo, há livros que encontrei quando era mais nova e li muito, com trinta e poucos anos, por exemplo, mas com os quais não conseguia dialogar, e que não faziam sentido para mim. Tenho a noção de que estão aí e de que, um dia, tentarei novamente para ver se fazem sentido ou não, mas sem senso de obrigação.

Agora, uma pergunta que é um pouco pessoal: as pessoas não esquecem que atrás do PNL tem uma pessoa. Quais são os livros da sua vida e porquê?

Sempre digo que tenho um top 5, mas também tenho um top 10 e tenho um top 20 e tenho um top 100. Existem vários níveis aqui. Porque são esses cinco? Acho que está mais relacionado com a fase da minha vida em que os li e porque nessa fase mudaram alguma coisa na forma como vejo o mundo. E foi por isso que eles ficaram comigo: porque eu me lembro que, antes de os ler, eu olhava para uma determinada parte da realidade ou do mundo de uma certa maneira e depois comecei a olhar de uma maneira diferente.



Li *O Senhor dos Anéis* aos 15 anos. Li e reli, várias vezes depois. Tenho o Gandalf atrás de mim. Tornou-se uma referência muito importante na minha vida, esta questão da luta pelo bem e pelo mal, e o mal a servir-se da nossa vulnerabilidade. Depois, os Cem anos de solidão, com vinte e poucos anos. Acho que é quando começamos a pensar seriamente sobre o que é o amor, o que são as relações familiares, e isso foi muito marcante para mim. Também gosto muito de sagas familiares. Gosto de acompanhar essas personagens por muito tempo. *As Memórias de Adriano*, de Marguerite Yourcenar, vieram um pouco depois. Marcou-me, principalmente, aquele lado íntimo do imperador, aquela figura do Adriano, que é tão incrível, mas que tem tantas dúvidas.

Também gosto d' *A Jangada de Pedra*, mas não é a obra mais querida do Saramago. Não entendo porquê, mas não é. Para mim, é maravilhoso porque, em situações tão difíceis, são as pessoas que nos centram e nos sustentam. É aquele que nos rodeia que nos segura e não nos deixa afastar. Acho que o Saramago tem essa capacidade maravilhosa que é a de, em qualquer cenário de grande crueldade ou de grande miséria, ver a poesia nos atos humanos e na natureza. Depois, mais tarde, li um livro que não está traduzido para português, de Tan Twan Eng, que é um escritor da Malásia. O livro chama-se *The garden of the evening mists*. Está traduzido no Brasil, mas em Portugal não. É um dos livros mais lindos que li. Acho que tem a ver com o meu perfil de leitor, porque é um livro com um ritmo bem lento, mas com uma beleza... Tenho na cabeça as imagens, quase todo o cenário do que acontece naquele livro, e passa-se num contexto distante, no tempo, no espaço.

Isso deixou-me com marcas muito grandes nessa relação de apreciar as coisas simples e olhar com pormenor para o que me cerca.

Realmente, gosto de falar sobre livros. Gosto de ouvir falar de livros e é algo que gostaria que as pessoas se sentissem à vontade e mais seguras para fazer. Falarmos de livros não é falar de conhecimento técnico ou especializado. Gostaria muito de ver as pessoas a sentirem-se mais seguras e a assumir a sua voz individual na relação com os livros porque acho que isso pode, realmente, desbloquear-nos em relação à leitura. Ainda sinto que há muita gente que tem curiosidade pela leitura, pelos livros, mas tem medo de não ter o conhecimento técnico ou o vocabulário teórico suficiente para abordar os livros e falar sobre eles. Os jovens estão a fazer isso e eu estou muito feliz que sintam que têm voz e que esta deve ser ouvida.

João Manuel Ribeiro



Falámos com...

MÁRCIA

ÁVILA

«Desde que me lembro de escrever que escrevo poesia. Sou da terra dos poetas de lava das ilhas de bruma em que, só de lá existirmos, corre-nos poesia nas veias»





Quem é a Márcia? O que te move?

A Márcia é uma açoriana que veio para Lisboa estudar arquitetura e acabou por ficar. Estive sempre ligada às artes. Fiz vários cursos em belas-artes e fotografia, sempre a trabalhar na área do design, decoração e remodelação de interiores.

Em paralelo, fundei, há mais de 10 anos, marca própria no *Cake Design*, pela forte componente de escultura, e delicio-me a criar arte doce para satisfação dos meus pequenos clientes.

O que me move é que já é uma questão mais pertinente. Eu sempre fui *multitasking*, ou multipotencial, que agora se identificou como uma característica e não como um defeito.

Nesse sentido, eu diria que o que me move é

estar em constante movimento e evolução.

Quando me embrenho num novo projeto, gosto de o explorar ao máximo que conseguir e tiver capacidade.

Como nasceu a tua paixão pelos livros?

Não sei bem quando, nem como, porque sempre me vi rodeada de livros e sempre gastei mesadas inteiras em livros (isto já depois de adulta enquanto estudava). Sempre li muito e desde a altura dos blogues que escrevo o que me vai na alma. Não sou só fã de um género e isso reflete-se numa considerável quantidade de livros, cujo peso dessa cultura sinto bem sempre que mudo de casa (risos). O meu sonho é ter uma vasta biblioteca, carregadinha de livros até ao teto, com uma poltrona num canto só para ler a tempo inteiro. O que vale é que sonhar não paga imposto.

Fala-nos do teu Clube de Leitura

Transatlânticos: quando e porque o criaste?

O clube de leitura foi uma consequência muito orgânica dessa minha paixão pelos livros. No fundo, criei um grupo, no rescaldo da pandemia, com amigos e conhecidos, também eles apaixonados por livros e leituras, onde há, desde sempre, uma partilha do que temos na mesinha de cabeceira a ser lido presentemente, do que temos na prateleira à espera de ser lido, assim como a lista (por vezes interminável) de leituras futuras. Sem grandes restrições nem imposições, sem obrigações de leituras conjuntas, o que se pretende dos Transatlânticos é que todos leiam mais; mais do que no ano passado, do que no mês passado ou mais do que leram ontem. Sem interessar se são romances ou BD, revistas ou jornais. O meu ideal é que todos consigam ler, ler mais. Não interessam os gostos, nem se é em livro físico ou digital, se comprou os livros ou os requisitam na biblioteca. No clube, a única regra é só falar de livros e tudo à volta dos livros e leituras. Acabei por criar listas de sugestões de leitura, um livro infantil por mês e, no final dessa leitura, tenho uma conversa descontraída sobre o livro com o autor, sobre o seu percurso e seus projetos futuros. Tenho conhecido pessoas fantásticas através desta experiência e claro que tenho lido muito mais.

Escreveste um livro, *Maravi, a menina da ilha*. Tens mais livros na manga?

Quando a Maravi nasceu, na verdade só tinha o sonho de continuar a escrever e estar em mais publicações. Entretanto, a marca MARAVI foi crescendo e eu dei-lhe a liberdade total para que seguisse o rumo que tivesse de ser. Quando o livro esgotou a primeira edição em menos de 3 meses, resolvi avançar para uma segunda edição, que sofreu vários melhoramentos, e segui também para outros projetos paralelos, como a sua tradução para inglês e um livro de pintar, os dois a caminho. Nasceu também a necessidade de avançar para o merchandising, tudo sobre o projeto inicial Maravi que, entretanto, já levantou para voos mais altos e já deixou de ser somente sobre a minha ilha natal, que é a ilha Terceira, e irão, de futuro, surgir Maravis para as restantes oito ilhas. Pelo menos, é essa a minha vontade e rezo para encontrar um dia o parceiro perfeito para avançar com este projeto.

«Criei um grupo, no rescaldo da pandemia, com amigos e conhecidos, também eles apaixonados por livros e leituras»



Qual é o papel das redes sociais na divulgação dos hábitos de leitura?

Nos tempos que correm, eu diria que é fundamental. Toda a gente está constantemente online, ligada às redes e, se queremos chegar a mais pessoas, temos de estar nos sítios onde as pessoas estão. É um mundo de areias movediças, em constante mutação, e precisamos estar em permanente actualização. Nesta altura, em que a inteligência artificial está a ganhar muito terreno na vida dos jovens, é certo que existem imensos riscos associados, mas, a meu ver, temos de tirar o melhor partido das tecnologias e ir de encontro às necessidades das pessoas.

Onde te vês daqui a 3 anos?

Não sei, mas vou responder quando tiver 45 anos. Estou a trabalhar arduamente para estar dez vezes publicada. No ano em que fiz 40 e comecei a ficar mais atenta a estas andanças literárias, elaborei uma espécie de objetivos a curto prazo que tenho conseguido alcançar, cada um deles a que me tenho proposto:

- 1 conto numa coletânea | que se realizou em 2021 com o conto *Leo, o morcego rebelde* na coletânea *Sonhar e Ser* coordenada pela Susana Machado;
- 1 livro a solo | cuja primeira edição é de fevereiro de 2022 com *Maravi, a menina da ilha*, um livro dos 8 aos 80, escrito, ilustrado e editado totalmente por mim;
- 1 Coletânea poética | *A vida é mais tempo alegre do que triste*, integrado no 8º Festival de Poesia de Lisboa, 2023;
- 1 Antologia de Literatura Portuguesa | *Fragmentos de Saudade*, onde integro o TOMO II com um poema, 2023;
- 1 Colectânea de contos | *Viver*, onde consta o meu conto *Muros Brancos Reflectem Mais*, fev 2024;

- 1 livro infantil | *Mr. Gecko* que está a ser agora revisto, escrito por mim e ilustrado por Monique Guimarães, que era um sonho que tinha de ter um ilustrador convidado;
- 1 livro traduzido | que já está em marcha com a *Maravi, a menina da ilha*, ainda sem data prevista de lançamento, conforme já confidenciei há pouco.

Tenho também dois projectos em mãos em que me aventuro, pela primeira vez, na coordenação editorial (são três, mas um ainda é segredo):

- 1 Antologia de Contos e 1 Antologia de Poesia, as duas coordenadas por mim (já estão em marcha para nascer ainda este ano).
- Consegui, ao longo de 2023, plantar muitas sementes em concursos e editais e vi muitos dos meus textos premiados e seleccionados para revistas e projetos literários por esse mundo fora.
- Nada me traz mais alegria do que o reconhecimento e o mérito dado ao meu esforço em escrever sempre mais e melhor.
- Agora vamos ver como corre daqui para a frente e, como baixar os braços não faz parte do meu ADN, continuo a lutar para atingir a minha minilista e as 9 MARAVIs (uma de cada ilha) até aos 50 anos. Espero que não me falte o fôlego.



O que preferes? Ler ou escrever? E quanto tempo gastas por dia nestas duas atividades?

Acho que não consigo escolher só um. Gosto dos dois igualmente e dedico várias horas por dia aos dois. Na verdade, acredito que um não existe sem o outro e o trabalho de casa de um escritor será sempre a leitura. A meu ver, quanto mais lermos, melhor escrevemos. Eu não sou o tipo de pessoa que fica à espera que a inspiração apareça de repente. Eu criei rotinas específicas de escrita e sento-me a criar. O mínimo é uma hora à noite quando despacho tudo e, se estiver a fluir, estico até conseguir dormir o mínimo antes de ir trabalhar no dia seguinte (sim, porque eu tenho um *full time* de *atelier*, daí o tempo para escrever ter de ser coordenado em agenda). Às vezes, o material aproveita-se, outras vezes faz uma curva tão grande que reaproveito para concursos ou submissões que possam aparecer. Textos parados numa gaveta é que não!

Qual é o teu livro infantojuvenil preferido e porquê?

Será sempre *O Príncipezinho*, de Antoine de Saint-Exupéry. Já o li várias vezes nas mais diferentes épocas e idades e sempre tem qualquer coisa a ensinar. Parece magia.

Na tua opinião, o que falta nos livros para estimular mais a leitura nas crianças e jovens?

Não me parece que falte nada aos livros. Os livros continuam a estimular a leitura desde que cheguem às mãos das crianças. O que pode eventualmente estar a falhar, eu arriscaria dizer, é todo o sistema e circuito à volta dos livros que faz com que os livros não cheguem de todo à vida das pessoas.

Os preços, a especulação económica, a falta de divulgação e de acesso aos livros. Esta falta de educação literária que se impregnou na nossa sociedade, com o culto do livro e a respectiva segregação com desculpas várias. Os livros continuam a existir nas bibliotecas para serem requisitados e em feiras com corte de preço, mas, se as pessoas não tiverem socialmente esse hábito, então os livros serão sempre caros, inacessíveis, chatos e pesados.

Já que também escreves para os mais crescidos, porque optaste por escrever e publicar um livro infantil?

Desde que me lembro de escrever que escrevo poesia. Sou da terra dos poetas de lava, das ilhas de bruma em que, só de lá existirmos, corre-nos poesia nas veias. Mais tarde, quando comecei a ter consciência da minha escrita, abri o leque a vários géneros e fui-me apaixonando pelos contos. O elenco e a trama aparecem quase que intuitivamente na minha mente e a pressa de escrever resulta maioritariamente em microcontos. Isso prende a atenção dos mais pequenos. Histórias curtas e cheias de ação. Ouvi há pouco tempo, aqui pela Trinta-por-uma-linha, que, se não encontras o livro que queres ler, escreve-o. E foi isso mesmo que eu fiz. Escrevi o livro que gostava de ter lido quando era pequena. Ilustrei o livro que gostava de ter desenhado quando era mais nova e tatuei em folhas as minhas memórias e de tantos que, como eu, viveram o mesmo. Não só como registo sentimental, mas também como registo histórico. Esta é a herança que deixo aos meus sobrinhos e a todos os meninos que não conheceram os Açores do pós-abalo de 1980.

Falámos com...

CLARA HADDAD

Narradora profissional



Fonte: LinkedIn

Eduardo Galeano dizia «que somos feitos de histórias», porque cada um de nós tem sempre memórias para partilhar. E neste mundo mágico há quem viva de contar histórias, quem se tenha alojado nesse mundo mágico e nunca mais de lá saiu. Clara Haddad é narradora profissional há 26 anos ou uma artista da palavra, como gosta de ser chamada. Foi buscar a inspiração à sua avó libanesa, Tafqira, uma grande contadora de histórias.

Falar desta artista luso-brasileira, de gargalhada farta e olhar luminoso, decidida e empreendedora, é falar de alguém que já habitou muitas moradas e cuja vida tem sido escassa em enfado: formada em Artes Cênicas- Interpretação e Interpretação para TV- Cinema, mentora do projeto Escola de Narração Oral Itinerante, biblioterapeuta, mentora e formadora na área de storytelling e mediação de leitura, autora dos livros infantis *A Velhinha e o Porco*, *O que é que o crocodilo come ao meio-dia*, *A Narradora de Histórias* e *outros contos de encantar* e *Poeira das Estrelas*. Num mundo onde a palavra é protagonista, Clara Haddad

mostra-se como uma artista multifacetada, que leva na mala a história da sua vida, plena de aventuras, desafios, reviravoltas e, claro, narrativas, que partilha com miúdos e graúdos, a quem oferece histórias da tradição oral, histórias cantadas, por vezes à boleia do som do spacedrum ou da Kalimba, e até do kamishibai (teatro de papel utilizado para contar histórias no Japão).

Não duvida que nasceu para isto, num modo de olhar e sentir o mundo com outras cores, de degustação de emoções, onde se vasculham palavras que comovem, se misturam combinações perfeitas de risos e inquietações. Argumentos que só se recebem neste universo repleto de folhas, letras e pontuações: o mundo encantado das histórias. Um mundo onde Clara se movimenta com uma delicadeza impregnada de certezas, oferecendo narrativas que nos adoçam e embalam, pois segundo ela «...quando o coração da gente transborda ele sai pela boca em forma de histórias».

«Sou inspirada pela capacidade única das histórias de nos conectar com diferentes realidades, emocionar e inspirar mudanças.»

Quem é a Clara Haddad?

Muito difícil falar de mim mesma, mas se fosse definir quem é a Clara Haddad poderia dizer que é uma pessoa fiel a si mesma, batalhadora e que acredita nos seus sonhos. Além de ser uma apaixonada pela arte de narrar e pelo poder transformador das palavras.

O que é que te inspira?

Inspiro-me na vida e nas pessoas, não é à toa que sou narradora de histórias e escritora. Sou inspirada pela capacidade única das histórias de nos conectar com diferentes realidades, emocionar e inspirar mudanças. A diversidade humana, a natureza e as experiências de vida de pessoas ao redor do mundo são fontes infinitas de inspiração para mim.

Como é que começou o teu interesse pelas histórias contadas e, depois, pelas histórias que escreves?

O meu interesse pelas histórias começou na infância, através da conexão mágica que tive com a minha avó paterna que me contava histórias em todos os momentos do dia, mas sobretudo antes de dormir. Essa experiência me marcou tanto que eu não imaginava que após anos de formada em Artes Cénicas e TV - Cinema eu iria voltar à essência. Senti uma espécie de chamado pois larguei tudo para me dedicar 100% à arte narrativa. A escrita sempre esteve muito presente na minha vida e escrevia sobre tudo o que sentia, me alegrava ou inquietava, mas nunca mostrava a ninguém. Entretanto, não tinha um sonho de ser escritora.

Escrever era uma forma de conexão comigo mesma. O estímulo de escrever profissionalmente aconteceu quando conheci pessoalmente a escritora Lenice Gomes, que me fez perceber que o que eu escrevia podia ser publicado, que minhas ideias poderiam ser partilhadas. A partir daí, não parei mais de mostrar o que eu colocava no papel, sem medo. Sou muito grata a ela pelo olhar e generosidade. Sem isso, talvez, continuasse apenas com histórias escritas e guardadas dentro de cadernos esperando a “casa livro” para morar.

Fonte: Quantos contos vale um conto

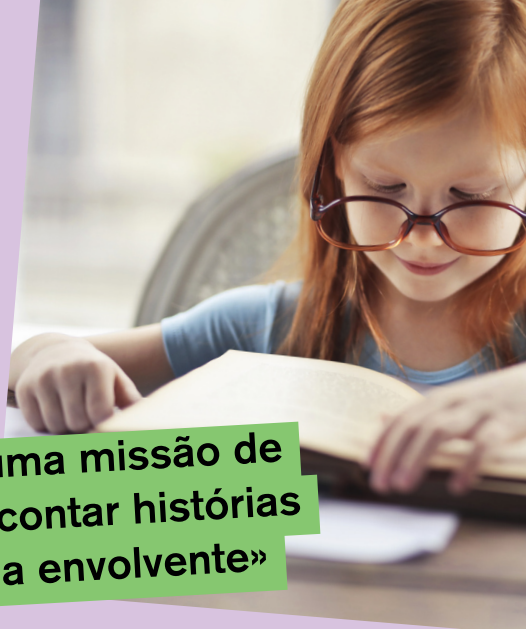


Porque é que contas histórias?

Contar histórias é como o ar que eu respiro, é minha maneira de ser tudo na vida, é uma necessidade, mas também, uma função social. Busco sempre inovar e revigorar a minha narração e as minhas iniciativas. No ano passado criei a *Confraria da Palavra*, um projeto pioneiro e uma mentoria coletiva para pessoas que querem aperfeiçoar seu trabalho nesta arte. Sinto como uma missão de vida ensinar a contar histórias de uma forma envolvente, cativante e respeitando o estilo pessoal de cada pessoa porque acredito profundamente no poder das histórias para promover a imaginação, a compreensão e a conexão entre as pessoas. As histórias têm o poder de nos transportar para mundos diferentes, nos fazer refletir sobre questões importantes e nos ajudar a entender melhor a nós mesmos e aos outros.

Como é que trouxeste a biblioterapia para o teu trabalho e porquê?

Eu já fazia sem saber que fazia! Foi um encontro com a fantástica biblioterapeuta Cidinha Pardini em 2006 que me despertou para o tema e para o meu fazer. Fiquei com as palavras dela na cabeça e o assunto ficou adormecido por anos. Até que em 2019 nos reencontramos e eu quis fazer uma formação específica e aprofundada. Fiz duas com duração de 1 ano e meio. Gosto de trabalhar como deve ser: com amor e responsabilidade. Trouxe a biblioterapia para meu trabalho porque acredito no potencial terapêutico das histórias. A leitura e a narração podem ser ferramentas poderosas para promover o bem-estar emocional, ajudar na resolução de problemas e fornecer insights sobre questões pessoais. Sempre tive muito *feedback* com minhas sessões de histórias e ao incorporar a biblioterapia em minhas atividades de narração de forma mais consciente (fazia intuitivamente) eu ajudo as pessoas a explorar



«Sinto como uma missão de vida ensinar a contar histórias de uma forma envolvente»

suas emoções, enfrentar desafios e encontrar conforto através da literatura oral e escrita.

Qual foi a situação mais engraçada e inesperada que te aconteceu numa sessão?

Nossa, tive várias situações inesperadas e engraçadas nessa minha jornada como artista da palavra. São 26 anos de carreira, então, imagina! Mas uma inesquecível e completamente fora da caixa foi a caminho do México, estava no aeroporto em conexão da cidade do México para Zacatecas e uma pessoa sentou ao meu lado e ficou me observando. Não estava entendendo o porquê, pois, me olhava tanto e eu já estava ficando um pouco desconfortável. Logo anunciam que iria começar o embarque, me levanto, me dirijo ao portão e a pessoa me pega no braço e fala «Você é contadora de histórias?» Fiquei incrédula e respondi, sem certeza, se deveria responder «Sim.» E ela «É urgente ouvir um conto! Por favor, eu sabia que era!» E foi andando junto comigo em direção ao embarque. Não tive alternativa a não ser contar. Escolhi uma história bem curta e que senti que seria para a pessoa. Quando terminei, estava mesmo a ponto de mostrar o passaporte e cruzar o portão. A pessoa, apertou meu braço, fechou os olhos e agradeceu. Eu segui e só então percebi que ela não iria embarcar naquele voo, ela só queria ouvir uma história. Tenho essa imagem desse momento até hoje na cabeça.

Consideras que se está a perder a capacidade de escuta num mundo onde existe uma presença tão forte das novas tecnologias, sobretudo em crianças?

Como achas que isso pode influenciar o seu desenvolvimento e que medidas achas que se devem implementar para inverter esta situação?

Sim, a presença dominante das novas tecnologias pode estar contribuindo para a perda da capacidade de escuta, em crianças e não só! Adultos também! Essa dependência que está sendo criada diminui capacidade de se concentrar, se comunicar e se relacionar com os outros de uma forma direta. No caso das crianças pode afetar negativamente seu desenvolvimento cognitivo, social e emocional. Acredito, que para reverter essa situação, é importante promover um equilíbrio saudável entre o uso de tecnologia e outras atividades, uma coisa não invalida a outra, é preciso tempo de qualidade, como a leitura de histórias, o tempo ao ar livre e as interações pessoais ao vivo e a cores.

Qual continua a ser para ti o principal sentido do contar e do ouvir contar?

Continuar alimentando minha essência, minha criança interior, além de preservar minha capacidade de criar conexões significativas com as pessoas que cruzam meu caminho, sejam amigos, familiares, público, alunos... amo compartilhar experiências e promover a compreensão mútua. Gosto de ser ponte que une pessoas.



Voltaste recentemente ao Brasil para promover o teu mais recente livro *A velhinha e o porco*. Como correu essa digressão e sobre o que é que fala a obra?

Foi absolutamente maravilhoso! Nem tenho palavras para descrever a grande repercussão inclusive na imprensa. Não estava esperando tanto! Fiz a abertura do ano letivo nas escolas por lá (o calendário escolar é diferente de Portugal) e apresentações em espaços fabulosos como o Memorial da América Latina e o Teatro J. Safrá. Foi uma oportunidade maravilhosa de interagir com leitores de todas as idades, compartilhar histórias, inspirar o amor pela leitura, divulgar o meu trabalho para as famílias leitoras, inclusive em escolas bilíngues. O livro é um reconto de uma história popular inglesa que amava ler na infância. Após escrever minha versão percebi que nela havia uma reflexão sobre a solidão na velhice, o amor na terceira idade, a solidariedade e a empatia como temas transversais. Apesar da seriedade desses temas, busquei manter a leveza e o humor característicos da minha escrita.

E, já agora, fica aqui o convite para conhecerem mais o meu trabalho e todos os meus livros.

Basta aceder as minhas redes sociais Instagram:

clarahaddad_escritoranarradora, Facebook: ClaraHaddadNarradora/ e o meu site: www.clarahaddad.com

Carina Novo



Fonte: Clara Haddad

DIA INTERNACIONAL DO LIVRO INFANTIL

Dossier



«A literatura infantil é uma ferramenta poderosa e significativa para a educação das crianças»

Para as mentes mais curiosas e aventureiras, como é no caso das crianças, estas anseiam pelo irreal e fantástico e, ainda com o mundo todo por conhecer, elas precisam de orientação. Desta forma, a literatura, mais concretamente, a literatura infantil, veio a demonstrar ser uma mais-valia para o crescimento, aprendizagem e autorrealização dos mais pequenos, que começam a encontrar a sua posição e propósito no mundo.

Chegando à conclusão de que a literatura infantil é uma ferramenta tão poderosa e significativa para a educação das crianças, criou-se uma data deveras especial denominada o Dia Internacional do Livro Infantil que se celebra no dia 2 de abril, apontado, especificamente, pelo Conselho Internacional sobre a Literatura para Jovens (IBBY). No entanto, porquê este dia em concreto? Propositadamente, este dia foi escolhido a dedo por também ser a data de nascimento de uma das mais célebres vozes da literatura infantil: o ilustre escritor dinamarquês, Hans Christian Andersen.

Para celebrar tal dia, educadores, professores, pais e crianças de todo o mundo festejam à sua maneira o respetivo dia através de sessões de leitura com autores ou professores, peças de teatro, concursos de leitura, escrita e outras artes, apresentações de livros onde escritores e ilustradores dão a conhecer os seus trabalhos aos mais novos para enfatizar os benefícios da leitura.

Para além disso, a organização IBBY passou a nomear e convidar, ano após ano, um país, incumbido a distinguir e condecorar um autor e ilustrador para a realização de um texto cujo tema seja relativo à literatura para crianças, acompanhado por um cartaz. Neste caso, apesar de Portugal ainda não ter sido convidado para desempenhar tal papel, a Direção Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB) deu iniciativa a um projeto no qual, todos os anos, faculta um cartaz elaborado por um renomado ilustrador nacional, premiado com o Prémio Nacional de Ilustração.

«Stories are wings that help us soar every day»

Os autores desses países são convidados a elaborar mensagens que celebram, não apenas a literatura infantil, mas a importância da escrita, leitura e dos livros nas nossas vidas. Em 2021, fomos lembrados da musicalidade das palavras por Margarita Engle em *The music of words*. Quando lemos, apercebemo-nos dos vários ritmos e melodias que as diferentes línguas compõem, de forma que dancemos ou sejamos embalados por elas. Encaramos os autores como os condutores e compositores e nós o coro que entoa as histórias por todo o mundo. Como leitores, podemos garantir que somos as pessoas mais viajadas de sempre, como confirma Richard Van Camp na mensagem *Stories are wings that help us soar every day*. Ao abrirmos um livro, viajamos para mundos infinitos, inimagináveis e fantásticos e até pelo tempo, tanto para o passado, como para os inúmeros futuros. É-nos dada a oportunidade de sonhar acordados, refletir e correr atrás do desconhecido, daquilo que não conhecemos acerca do mundo e de nós. No ano passado, através das palavras de Vagelis Iliopoulos em *I am a book, read me*, olhamos para os livros como se fossem o espelho da Humanidade. Cada um único, com a sua origem, língua, sonhos, mas todos com o direito a ser protegido, ouvido e neste caso lido. Hoje lutamos pela preservação das nossas histórias, para que no futuro estas possam ser lidas e amadas por outros.

«Hoje lutamos pela preservação das nossas histórias, para que no futuro estas possam ser lidas e amadas por outros.»

dia
internacional
do livro
infantil

02
04
2023



© Ana Ventura (gratuito nacional) Ilustração 2023

2 de ABRIL
DIA
INTERNACIONAL
DO LIVRO
INFANTIL

Art. 1.º, Lei n.º 10/2016, de 22 de março



À vista disto, o designio do 'Dia Internacional do Livro Infantil' engloba encorajar as crianças a ler, visto que incutir a prática de leitura desde novos é deveras importante para o seu crescimento. Em outras palavras, graças aos livros infantis, os mais pequenos entretêm-se a aprender e a preparar-se mentalmente para algo maior – o desconhecido –, desenvolvendo um espírito crítico, intelectual e criativo, criando uma identidade de si mesmos em relação a gostos, perspetivas e ideais, compreendendo melhor como o mundo funciona e como as outras pessoas pensam, interagem e comunicam entre si e absorvendo valores fulcrais como a liberdade de expressão, autoestima, coragem e determinação.

Com os olhos e mentes bem abertos, podemos certificar que o primeiro contacto com um livro implanta dentro de nós uma semente que nunca é totalmente saciada, com fome por novos mundos e horizontes e fortificando o nosso ser com sabedoria e perícia. De certa maneira, a leitura muda-nos, essencialmente, para o melhor, causando um turbilhão de novas emoções a crescer dentro de nós e despertando habilidades que desconhecíamos possuir.

Hans Christian Andersen

Nascido em Odense, na Dinamarca, no dia 02 de abril de 1805, Hans Christian Andersen é um escritor mundialmente reconhecido pelas suas obras infantojuvenis.

A infância do escritor foi marcada pela tragédia e pobreza, pois perdeu o pai aos onze anos, figura que o encaminhou para o mundo das artes e da literatura, uma vez que, embora analfabeto, recitava ao seu filho peças de teatro de Shakespeare e com marionetas fazia pequenos espetáculos.



«O escritor procurou introduzir aos seus leitores temas como a identidade, a vaidade, o orgulho, o preconceito e a desigualdade social»

Estes momentos levaram a que Andersen, aos catorze anos, não só se dedicasse à dança e ao palco no Teatro Real da Dinamarca, mas também desenvolvesse e aperfeiçoasse um outro talento: a escrita.

Explorou vários géneros, mas foi a literatura infantil que o tornou famoso em todo mundo e lhe concedeu a alcunha de Pai da Literatura Infantojuvenil. Com o seu tom conversacional, informal e morais, Andersen veio alterar o paradigma. Em histórias como *O Patinho Feio*, *A Pequena Sereia*, *A Menina dos Fósforos*, *A Princesa e a Ervilha* e *O Rei Vai Nu* (apenas algumas das mais conhecidas), o escritor procurou introduzir aos seus leitores temas como a identidade, a vaidade, o orgulho, o preconceito e a desigualdade social que marcavam – e atualmente também – a sociedade.

Hans Christian Andersen morreu no dia 04 de agosto de 1875 e deixou um legado literário imenso, com mais 168 contos publicados que influenciaram a evolução da literatura infantojuvenil a uma escala mundial.

Joana Inácio e Raquel Seïça

LIVROS QUE FALAM SOBRE LIVROS

DOSSIER

Um livro leva-nos para mundos distantes e surpreendentes, para mil e uma aventuras, envolve-nos em tramas que nos fazem sofrer ou rir, que nos iludem ou elucidam, dececionam ou encantam...

E no meio de todo este universo da literatura, ainda encontramos livros que falam sobre...livros. E isso não só é inusitado, como curioso. O livro virar protagonista da sua própria história, ser o título, mas também a narrativa das suas páginas. Fomos à procura de os conhecer, e encontramos inúmeros casos... ficam aqui alguns deles!

O incrível rapaz que comia livros, de Oliver Jeffers

Uma obra que ganhou o melhor livro infantil de 2007, pela Irish Book Awards. Esta história fala-nos de Henrique, um menino que adorava livros, tanto que até os comia. No início era só uma palavra, depois passou para uma frase e, entretanto, já devorava três ou quatro livros de uma vez. De cada vez que comia um livro, ficava mais e mais esperto. Só que, entretanto, tudo começou a ficar muito estranho... Será que este apetite do Henrique pelos livros correu bem?



A menina que não queria livros, de Luísa Ducla Soares

O pai da Joana queria a todo o custo que a sua filha aprendesse a ler. Todos os dias lhe oferecia um livro, mas a menina encontrava sempre outras utilidades para eles. Até que, uma certa noite, apareceu um livro que lhe despertou a atenção. Mas teriam as suas páginas despertado o interesse para aprender a ler?

LIVROS QUE FALAM SOBRE LIVROS

DOSSIER

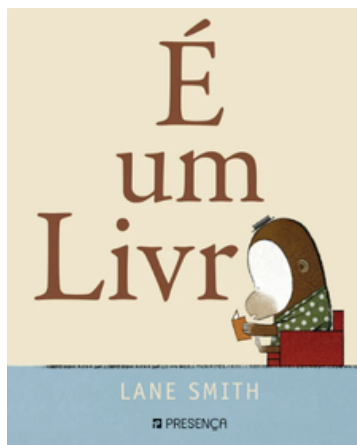


Não Abras Este Livro, de Andy Lee

Um livro de uma envolvimento surpreendente, que arranca risadas a miúdos e graúdos. Com um título tão original e inusitado, o seu pedido tem tudo para ser contrariado pelas crianças. Hilariante e interativo do princípio ao fim, desperta entusiasmo e curiosidade ao virar de cada página para se descobrir o que irá acontecer ao protagonista da história. Este implorar aos leitores para pararem de virar a página, mas claro, sem sucesso... O que irá acontecer no fim? Haverá um castigo para os leitores mais destemidos?

Se eu fosse um livro, de José Jorge Letria

Um livro que fala sobre a magia que mora nos livros, aquilo que nos oferecem, o que se esconde nas suas páginas, a forma como nos transforma, as viagens por onde nos leva. Uma obra que desafia a nossa imaginação da primeira à última página.



É um livro, de Lane Smith

Uma obra irónica e divertida, que provoca e desperta duas formas diferentes de ver o mundo, contada através do diálogo de duas personagens, que nos instiga acerca dos prós e contras de dois tipos de tecnologias, como se fossem formas diferentes de olhar o mundo. Algum irá vencer o debate?

LIVROS QUE FALAM SOBRE LIVROS

DOSSIER



O Vício dos Livros, de Afonso Cruz

Mais uma obra que nos remete para a magia dos livros e para aqueles que não vivem sem histórias. Oferece-nos curiosidades literárias, factos históricos do mundo da literatura, memórias pessoais, vidas de outros escritores, outras obras e outras vivências, num registo extremamente pessoal. Um livro ao qual voltaremos vezes e mais vezes.

A Montanha de Livros Mais Alta do Mundo, de Rocio Bonilla

Com ilustrações do fantástico Rocio Bonilla, este livro fala-nos de um menino chamado Lucas, que achava que tinha nascido para voar. Fez várias tentativas para o conseguir, chegou mesmo a pedir para aprender a voar como presente de Natal, mas nada funcionava! Um dia a mãe disse-lhe que havia outras formas de voar e ofereceu-lhe um livro. Ao início estava hesitante, mas logo se entusiasmou pelas aventuras que encontrava. Até que a situação se descontrolou e a montanha de livros foi-se tornando cada vez maior.



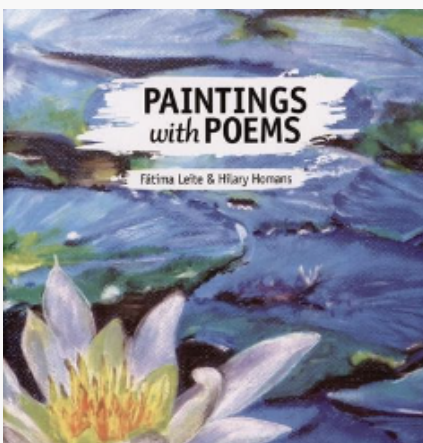
LEMOS GOSTÁMOS E RECOMENDAMOS

Paintings with poems

Fátima Leite & Hilary Homans

Para os apaixonados por arte, *Paintings with Poems* é uma obra que conjuga harmoniosamente duas formas de arte altamente reconhecidas e renomadas em todo o mundo: as pinturas e a poesia. Encontramos impressas algumas das pinturas que Fátima Leite criou desde que começou a pintar em 2007, acompanhadas por poemas escritos por Hilary Homans, amiga de há 20 anos, que nutre uma grande admiração e paixão pela sua arte.

Cara Pittendrigh – *designer* gráfica – criou um layout claro, harmonioso e fluído, que transporta e submerge os leitores nas pinturas e poemas que os complementam. Passear pelas páginas deste livro equivale a uma visita a um museu ou exposição dedicada a um único artista.



Ao viajarem atrás no tempo, os leitores acompanham a evolução da pintora, não apenas porque o seu trabalho está maioritariamente organizado cronologicamente, mas também por causa das diferentes técnicas de que faz uso – lápis de carvão, guaches, aquarelas e acrílico – e temas que escolhe abordar. São temas universais, que nos fazem pensar, marcam e são discutidos diariamente, representados pela natureza, desde frutas, flores, o sol e outros elementos naturais. Desde a maternidade e fertilidade à violência doméstica, dor, liberdade de expressão e de ser, identidade, até à vulnerabilidade, unicidade e complexidade do ser humano, dos seus relacionamentos e sentimentos. Tudo isto representado pelas cores, formas e perspetivas criadas pela mão da artista.

Embora os nossos olhos nos atraiam de imediato e fiquem colados como ímanes nas pinturas, a lírica de Hilary Homans é igualmente fascinante e o complemento ideal para as mesmas. Com os sentimentos, intenções e inspirações da artista em mente, a poeta representa nos seus versos todas as cores, formas, sentimentos, contradições, sensações e complexidades temáticas que recebemos ao contemplar as pinturas.

Joana Inácio

LEMOS GOSTÁMOS E RECOMENDAMOS

As fadas

Antero de Quental

Um poema de um dos autores portugueses mais conhecido e admirado ganha uma nova cara – ou neste caso, capa e ilustrações –, com esta edição da Simon Books, ao recorrer ao talento de Sofia Paulino e à incorporação de um *feature* especial que torna a sua leitura uma experiência mais interativa.

As Fadas, de Antero de Quental, é um poema que apareceu pela primeira vez em 1883 na coletânea *Tesouro Poético da Infância* e, mais tarde, no livro *Raios de Extinta Luz*. É um poema mágico que invoca de imediato memórias de uma época igualmente mágica, repleta de imaginação, sonhos e curiosidade. Ao longo das 23 estrofes desta lírica, é enfatizado o quão poderosas, encantadoras, bondosas, vingativas, sábias e protetoras são as fadas, personagens sempre presentes nos filmes, desenhos animados e especialmente no género de livros que alimentaram a nossa sede de palavras e povoou os nossos sonhos e imaginação quando eramos crianças: os *Contos de Fadas*.

Nesta edição, o poema é elegantemente acompanhado pelas ilustrações de Sofia Paulino, que seguiu o conceito “Ilustrações do Acaso”.

As ilustrações, constituídas por um traço fino, delicado e detalhado, – que relembra as asas frágeis destes seres mágicos – e preenchido por aquarelas coloridas e vibrantes – em tons de rosa, verde, azul e amarelo –, representam a essência onírica e mágica do poema.



A cada página que folheamos deparamo-nos com personagens e lugares que sem dúvida alguma aparentam pertencer ao imaginário de uma criança. Ao seguir o conceito que decidiu adotar para este projeto, a ilustradora aproveitou todas as perspetivas que as páginas oferecem, encorajando os leitores a rodar o livro para que possam realmente vivenciar e deslumbrar-se com todas as ilustrações. Como *feature* adicional, através do scan de um QR Code os leitores poderão ouvir o poema narrado pela própria ilustradora.

Todos aqueles que desejam lembrar tempos passados ou sonhar acordados devem abrir as páginas de *As Fadas*, mas com cuidado, porque elas fogem!

Joana Inácio

LEMOS GOSTÁMOS E RECOMENDAMOS

As Sete Camas do Arganaz

Susanna Isem

Esta é a história de um pequeno Arganaz com um medo nada peculiar, que assombra a mente de muitos no mundo.

Na Floresta Verde, vive a nossa personagem principal e outros tantos animais – o Coelho, o Pisco, o Veado, o Urso, a Tartaruga, o Rato, o Esquilo, a Coruja e muitos mais – que todos os dias fazem as suas rotinas, convivem entre si e aproveitam o sol e a água que os rodeiam. Quando o dia acaba, cada um recolhe às suas casas e prepara-se para entrar no mundo dos sonhos, mas, numa noite, esta rotina é interrompida pelo Arganaz. O pequeno roedor começa a entrar nas casas dos amigos e a passar lá as noites, assustando-os e espantando-os no dia seguinte quando o encontram lá. Tudo isto, porque, tal como nós quando eramos crianças, (ou até mesmo agora), o Arganaz tem medo de dormir sozinho. Conseguirão os habitantes da Floresta Verde ajudar o nosso pequeno amigo a superar o seu medo?

Com uma linguagem fácil e acessível, Susanna Isem (1978-) explora um tema do quotidiano e vivido por muitos, de forma a criar uma relação de proximidade e familiaridade com os leitores,

uma vez que estes se poderão identificar com a personagem principal. O seu texto é acompanhado e complementado pelas ilustrações de Marco Somà (1983-), que, ao utilizar tons de azul, cinzento, preto e castanho, transmite o medo e solidão que o pequeno Arganaz sente.

O ilustrador optou por criar ilustrações de dupla página, tirando proveito de todo o espaço, criando uma relação harmoniosa entre as suas ilustrações e o texto.

Apesar de ser um livro infantil, esta é uma história que transcende idades, pois, quer miúdos, quer graúdos, têm medos e sentem-se sozinhos, mas também têm força de vontade para lutar contra eles e amigos aos seu lado que os apoiam.

Joana Inácio



LEMO GOSTÁMOS E RECOMENDAMOS

Dás-me um abraço?

Sandra Cabral Santos

Todos nós precisamos de um abraço de vez em quando e o conto *Dás-me um abraço?* vem mesmo a calhar. Neste conto, iremos embrenhar-nos nas reconfortantes palavras de Sandra Cabral (1974-) nas quais somos apresentados à história de um pequeno ouriço-cacheiro que apenas ansiava por alguém que lhe demonstrasse o mínimo de carinho ou compaixão. Lastimavelmente, devido à sua aparência espinhosa, os outros bichos da natureza, com receio de se magoarem, afastavam-se e ignoravam-no, fazendo o pobre ouriço sentir-se completamente sozinho. No entanto, a escrita e as ilustrações acabam por irradiar um sentimento de esperança.

Por um lado, esta obra insere-se no género lírico no qual a linguagem clara, simples e acompanhada por diminutivos transmite uma melodia otimista e um tom gentil. Por outro lado, através de ilustrações feitas a partir de formas geométricas traçadas meticulosamente com lápis de cera, Ana Ambrósio (1978-) maravilha os nossos olhos, enchendo as páginas com cores vivas, alegres e vibrantes para acentuar, essencialmente, a beleza e elegância dos espinhos do nosso querido amigo cacheiro, demonstrando o quão inofensivos os ouriços-cacheiros são em geral e que não existe razão para os outros bichos e os próprios leitores se sentirem amedrontados por tais seres.

É de espantar como, num conto tão breve, se esconde uma lição tão profunda. Às vezes, as pessoas podem ser cruéis, julgando a nossa pessoa devido ao nosso aspeto. Mesmo assim, sempre ansiamos em encontrar aquela pessoa que nos aceita por quem somos de verdade, alguém que vê para além da casca e reconheça a nossa existência, chegando à conclusão de que afinal não estamos totalmente sozinhos neste mundo. No fim de contas, a aparência não nos define. Cada um é belo à sua maneira. O que importa é como somos por dentro.

Lembrem-se: não deixem de envolver aqueles que amam num abraço caloroso.

Raquel Seica



LEMOS GOSTAMOS E RECOMENDAMOS

A senhora Coquete

Cristina Marques dos Reis

Quem nunca imaginou como seria assumir a vida de um(a) aristocrata? Viver num enorme palácio no qual nos podemos aventurar por corredores misteriosos, contemplar um vasto jardim que se estende até o horizonte... Posto isto, senhoras e senhores, abrem as vossas sombrinhas e leques e apurem as vossas gravatas e bigodes, pois este conto irá levar-nos para outra época.

Através de uma narrativa lírica, somos apresentados à Senhora Coquete que desfruta de uma vida serena num belo palacete juntamente com as suas cinco companheiras felinas, cada uma transmitindo uma aura de glamour e charme. Nada de novo acontecia por aquelas redondezas, um lugar de sossego e tranquilidade, até que tudo se desaba da noite para o dia quando algo de inesperado acontece, os ventos da mudança importunando a rotina harmoniosa que as amigas felpudas tanto apreciavam.

Tal desejo de descobrir o que acontece a seguir intensifica-se, graças às palavras de Cristina Marques (1968-), cheias de ritmo, graça e sofisticação que é como se estivéssemos a bebericar uma chávena cheia de palavras em conjunto com ilustrações detalhadas que captam

a essência da obra mediante cores delicadas e leves e traços refinados. Porém, para os olhos mais atentos, Rita Ponciano personifica de forma subtil e perspicaz a mensagem principal da obra através de um simples pormenor que se incorpora facilmente com o fundo de cada página: uma esquiva borboleta púrpura, símbolo de mudança e transformação.

Apesar do público-alvo ser essencialmente infantil, o conto *A Senhora Coquete* pode ser lido por todas as idades, para além dos que adoram gatos, visto que a mudança está sempre presente na vida de cada um de nós. Embora aterradora que traz consigo o desconhecido, este conto ensina-nos a abrir a mente e pensar positivo no que aí vem, já que o manto da mudança é algo do qual não podemos escapar se queremos realmente seguir com a nossa vida e concretizar os nossos sonhos.

Raquel Seica



LEMOS GOSTÁMOS E RECOMENDAMOS

Lobo bom ou lobo mau?

Clara Cunha

Aauuuuu!!

Ouviram isso?! Ninguém mais seria capaz de soltar um uivo poderoso desse tamanho a não ser... O legendário! O temível! O grande Lobo Mau! O que será que ele anda a tramar desta vez? Vamos descobrir! Venham daí!

No conto *Lobo Bom ou Lobo Mau?*, a renomada autora, Clara Cunha (1971-), retorna com mais um épico episódio da vida rotineira do nosso querido Lobo Mau. Numa noite cerrada, este estava pronto para jantar, quando, de repente, recebe uma visita inesperada: um lobo, só que mais pequerrucho e franzino, que veio em busca de conselhos sobre como também se tornar num notável lobo mau. Porém, não faz sentido existirem dois lobos maus, logo, juntos tentam descobrir qual é o verdadeiro papel do pequeno lobinho.

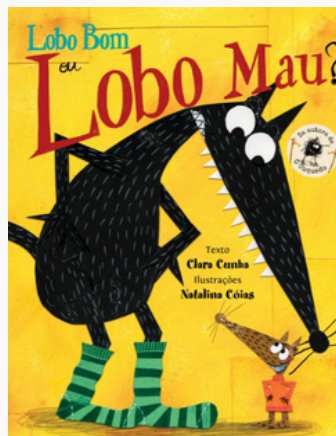
A cada virar de página, as personagens vão ganhando vida como que por magia, devido, especialmente, à mestria que Clara Cunha tem com as palavras, cujo tom e estilo fortificam as emoções e vozes de cada um dos lobos, e às ilustrações humorísticas e vivamente expressivas de Natalina Córias (1972-), feitas a partir da

colagem de recortes e desenhos coloridos e detalhados, que captaram de forma brilhante a personalidade de ambas as personagens.

Ao fim e ao cabo, este é um excelente livro, já para não falar de cómico, que pode ser lido a qualquer hora e por todas as idades, visto que retrata uma questão profunda: a busca por uma identidade. Tal como o pequeno lobinho, alguns tentam e forçam a ser algo que, no fundo, sabem que não são de todo e, de certa forma, só vivemos realmente a nossa história ao sermos nós mesmos, acreditando nas nossas próprias capacidades e habilidades. Citando as palavras sábias do Lobo Mau: “Não podes ser uma coisa que não és.”

Ademais, não se ganha nada ao ser uma pessoa má. No final, só se perde.

Raquel Seiça



JORDI SIERRA

um escritor com guião enraizado na felicidade

A editora Trinta-por-uma-linha lançou, em 2023, o seu livro «A página escrita», uma obra fascinante que responde à pergunta «escrever sobre como eu escrevo», mas sempre num registo humilde na sua abordagem.

Conheci Jordi Sierra i Fabra no 4.º Web Summit organizado pela editora Trinta-por-uma-linha. Confesso que era uma das intervenções que mais aguardava. Afinal de contas, sabia que ia ouvir um escritor precoce, cujos primeiros passos na escrita tinham começado aos 8 anos de idade e aos 12 havia lançado o seu primeiro romance completo, com 500 páginas. Incrível, não é? Foi precisamente com essa idade que decidiu tornar-se escritor, mesmo contra a vontade de seu pai que o tinha proibido de escrever, por achar que era uma profissão sem futuro, incapaz de lhe dar sustento, mas também contra a opinião da sua professora de língua e literatura que o desaconselhou a ir por esse caminho (atribuiu-lhe um zero num trabalho cujo tema era livre, por excesso de fantasia, o que não deixa de ser irónico). Mas o seu sonho era maior do que todas as opiniões que foi ouvindo. Apesar de ter sido vítima de *bullying* na escola (era gago, o que não o impossibilitou de ter o seu próprio programa de rádio, entre 1974 e 1978) e nunca ter sido aluno de grandes notas, Jordi sempre acreditou em si e no seu potencial.

Sabia que não podia ser outra coisa e, em jeito de brincadeira, dizia que quando escrevia não gaguejava. Hoje, olhando para o seu percurso invejável, agradecemos-lhe por toda a sua perseverança, pois, para além de nos inspirar com as suas conquistas, ainda nos presenteou com as suas obras magníficas: 500 livros escritos, de diversos géneros literários, como romances para jovens e adultos, poesia, ensaios, contos infantis, ficção científica, humor e roteiros de cinema, sendo na literatura infantojuvenil que obteve os seus maiores sucessos.



Conta com mais de 40 prêmios literários (também esteve nomeado para o Prêmio Nobel de literatura para jovens, o Prêmio Hans Christian Andersen), e ocupa o 8º lugar entre os autores mais lidos nas escolas espanholas. É, também, presença assídua em inúmeras feiras do livro, palestras, conferências e outros eventos por todo o mundo. Este escritor catalão, de 76 anos, defende que «quem faz o que gosta é muito mais rico». Mas o sucesso de Jordi não nasceu por acaso. Trabalhador incansável, leu e continua a ler imenso, devora livros sem parar, absorve o mundo como uma esponja, é um viajante inveterado, o que, sem dúvida, acrescenta argumentos e experiências variadíssimos para as suas histórias. Algumas das suas obras foram adaptadas para a televisão, teatro e cinema.

Dorme com um caderno e uma caneta ao lado da cama, porque às vezes acorda a meio da noite e anota o que sonhou, antes que desapareça da sua mente. Um dos seus livros de ficção científica mais famosos, «Unitat de plaer», surgiu de um sonho.

Uma vez que não recebeu esse incentivo em pequeno, por onde passa deixa uma mensagem de estímulo aos jovens que o ouvem, para que sigam os seus sonhos, para que façam aquilo que está nos seus corações, que não se deixem vencer por uma sociedade materialista e egoísta que promove o sucesso financeiro em detrimento da realização pessoal e da felicidade.

Prometeu a si mesmo que não voltaria as costas a quem também fizesse por seguir o mesmo sonho. Assim, em 2004 nasceu a Fundação Jordi Sierra i Fabra, em Barcelona, que o escritor criou com o objetivo de ajudar jovens escritores, através não só da atribuição de um prêmio literário com o nome da instituição, mas também assegurando a da



«Ler salvou-me a vida, escrever deu-lhe um sentido»

Fonte: El Mundo

instituição e também assegurando a publicação da obra premiada. Não deixa de me fascinar um projeto tão ambicioso, mas que nas suas raízes mora algo tão nobre como a intenção de um homem que não quer que outros como ele, passem as mesmas dificuldades na concretização de um sonho. No mesmo ano, e com a mesma inspiração, nasce a sócia da Fundação, a Fundação Taller de Letras, em Medellín, na Colômbia, fruto das suas inúmeras viagens à América Latina, onde, aliás, tem vários livros publicados.

Esta instituição terá a função de organizar diversos eventos literários e formações, sobretudo na área da literatura infantojuvenil, e com o mesmo foco em ajudar futuros jovens escritores.

Jordi conta que quando era pequeno, era tão pobre que só podia comprar livros em segunda mão e, mesmo assim, obras de reduzida qualidade, por isso diz que se «formou lendo porcarias».

Para além do vasto currículo na literatura, Jordi é um apaixonado por música (na sua casa em Barcelona tem 30.000 discos). Foi diretor de algumas das revistas de música mais influentes de Espanha, para além de ter lançado mais de 70 livros de história e biografias de artistas do *rock*. Destes destaca *Historia de la Música Rock* e *Diccionario de los Beatles*, este último sendo o primeiro livro publicado no mundo sob este conceito e título.

À pergunta «porque lemos?», responde «lemos para os sentidos», «lemos por lazer, por entretenimento e como forma de escape...», comparando frequentemente a leitura ao cinema, à pintura, à música, apontando as suas diferenças e o que cada uma destas artes oferece. Considera um mistério a pergunta «porquê escrever?», mas fazendo uso de uma das suas frases mais conhecidas «a escrita é um orgasmo contínuo», pensa responder-lhe. «Escrever é um prazer, mas ao mesmo tempo é uma das tarefas mais difíceis que o ser humano pode enfrentar», requer uma infinidade de dons que é pertinente trabalhar, como a paciência, a dedicação, humildade, otimismo, amor à solidão, disciplina e sacrifício.

Com o intuito não só de conhecer o incrível trabalho de Jordi Sierra i Fabra, mas também

continuando o princípio que tem vindo a divulgar de auxiliar jovens escritores, a editora Trinta-por-uma-linha lançou, em 2023, o seu livro *A página escrita*, uma obra fascinante que responde à pergunta «escrever sobre como eu escrevo», mas sempre num registo humilde na sua abordagem, por não se considerar «um mestre, um professor, um académico ou um intelectual para ensinar sobre o divino e o humano da literatura», (como é possível, pergunto eu?). Um escritor que se acusa como «um homem doente pela escrita», neste livro partilha com o leitor a forma como trabalha, como escreve, aquilo que pensa, o que considera importante, como resolver problemas, como criar personagens, como elaborar diálogos, técnica, estilo, ritmo, estrutura e guião. E aqui está o verdadeiro truque de Jordi, a essência do seu sistema, uma vez que lhe dá uma enorme importância e dimensão, «torna-se o esqueleto fundamental». O expoente máximo da liberdade criativa. É nele que despende muito do seu tempo antes de avançar para o romance em si. Segundo ele, o guião «é escrever o romance antes de o escrever». Ao contrário de tantos outros escritores que deixam a narrativa fluir livremente, Jordi faz exatamente o oposto «faço o guião o mais elaborado possível, e não começo a escrever o romance na sua versão definitiva até que esse guião seja um bloco homogéneo e sem fissuras.



**«A arte mede-se pelo que sentes
ao fazê-lo, não pelo que te pagam»**

Ao trabalhar no guião experimento tudo, dez, vinte maneiras, paro, continuo, penso, corto, risco, pesquiso, imagino cada cena como se fosse um filme que tenho na minha mente». Chega mesmo a comparar o guião a um puzzle, onde temos de pegar nas peças uma a uma para as encaixar. A importância que dá a este aspeto é tal que lhe dedica um único capítulo, o mais longo do livro. Desde a essência do guião às classes dos mesmos, ao ponto de viragem e de inflexão, desde a ambientação à crise, clímax e resolução, aos limites do guião até às emoções a empregar. Para além disso, publicou alguns dos guiões que escreveu para as suas obras, explicando a forma como os elaborou.

No livro oferece-nos uma panóplia de decálogos, um pouco ao estilo a que Jordi já nos habituou. Encontramos as suas frases mais conhecidas, mas também aponta imensos princípios básicos a considerar no processo de escrita, alguns deles de outros autores de renome internacional.

Daqui destaco os *25 princípios para ser escritor*, onde nos deixa conselhos como «Confia sempre, sempre no teu instinto», «Não finjas ser o que não és», «Despe-te emocionalmente», «Escreve todos os dias...», «Lê, lê tudo o que puderes, e variado».

Não aprecia rótulos, por isso se considera um romancista, que não gosta de pensar em géneros literários, mas tendo o foco na liberdade de escrita. Quando lhe perguntam sobre o que escreveu num determinado livro, responde «sobre pessoas, sentimentos, emoções...». Apesar de tudo, ele diz que existem e apresenta-os: desde a ficção científica, à fantasia, à biografia, ao humor, ao terror, à literatura romântica, aos romances realistas, noir, policiais, históricos, à narrativa curta e conto, à aventura, entre outros,

descrevendo cada um deles detalhadamente, recorrendo sempre a exemplos das suas obras, deixando-nos excertos para nos explicar cada um dos géneros.

Fala dos medos e das depressões que assaltam a vida de um escritor, como dois vírus implacáveis. Mas deixa um conselho importante para ele: não dê a ler o que escreveste! «Acreditar em ti mesmo é um dos segredos», da mesma forma que defende que não se deve escrever para os outros, à procura de opiniões ou aplausos. Refere a importância de sermos humildes no processo de escrita e na construção do «eu» escritor, algo a que devemos dedicar a maior paixão.

Quando aborda o tema acerca do processo criativo de escrita, fala-nos de quatro conceitos distintos: a inspiração, a dúvida, o instinto e a ideia. De todos eles, Jordi diz que o que realmente conta é o instinto. Quanto aos outros considera-os armadilhas que, em vez de ajudarem, às vezes restringem. Perguntam-lhe muitas vezes de onde vem a inspiração para escrever, e ele considera que é essencial estar atento a uma ideia quando ela surge, captar a sua energia e apanhá-la na hora. Que a dúvida é um vírus que convém eliminar «se não estás disposto a correr riscos, esquece», pelo que se deve duvidar o suficiente. E aqui, mais uma vez se refugia na importância do guião. A coisa mais difícil já a fez na altura da criação da história e da elaboração do guião, pelo que depois disso já não corrige nada. Não se deve ter medo da primeira linha, por isso deve escrever-se a primeira coisa que vier à cabeça, o que quer que seja que permita o arranque. Incentiva-nos a acreditar e confiar na força do instinto, algo único, que não devemos duvidar das nossas decisões e da importância de assumirmos riscos.

No que concerne à «ideia» tem consciência que não é fácil de surgir. Para isso deixa alguns dicas, como a importância de se manter um diário onde possamos escrever em forma de história algumas das coisas que nos vão acontecendo ao longo dos dias, as emoções que sentimos ao fazer determinada coisa, procurar no jornal muitas das histórias que podemos contar, ter cadernos para fazer anotações (a ideia para o livro *En un lugar llamado Tierra* surgiu quando folheava um caderno com ideias desprezadas). E continua, sucessivamente, a partilhar connosco como surgiram as ideias para outras das suas obras. «As melhores ideias são aquelas que acendem a tua alma». Depois de reunidos todos estes ingredientes, podes começar a escrever o livro, mas, não te iludas, ainda tens um longo caminho pela frente.

Considera que a construção das personagens de um romance é fazer uma boa parte do trabalho. Não se deve começar a escrever sem primeiro saber como são, sem lhes darmos um rosto, uma personalidade, um nome e uma ideologia. A primeira coisa que se deve fazer ao construir as personagens, são as perguntas-chave: Quem é? O que quer? Porque o quer? Como fará isso? Porque não pode consegui-lo? O que fará para consegui-lo? Como é que isso afeta o seu relacionamento com as outras personagens e como fica ao consegui-lo? Para além de explicar cada uma delas detalhadamente, recorre, mais uma vez, às suas obras para nos explicar como aplicou estes conceitos. Como escolhe os nomes para as personagens, os truques que aplica, etc. Mas, essencialmente, aquilo que emprega no seu sistema é não descrever em exagero as personagens (justifica o mesmo relação às narrações), que se deve dar ao leitor o mínimo de

informação acerca delas, para que este seja capaz de as imaginar e para que elas se tornem duradouras.

Depois de abordar os conceitos básicos da criação literária (ideia, tudo o que está envolvido no processo de escrita, os géneros literários, as fórmulas, as personagens, o guião), fala sobre a estrutura, o estilo, a técnica e a estética, «as quatro patas sobre as quais assentaremos o resultado do nosso trabalho». Serão elas que vão unir tudo isto, trazer consciência. Para ser mais fácil a perceção destes conceitos compara-os à construção de uma casa: a estrutura é o esqueleto do edifício, é com ela que o guião ganha forma. «O estilo é a tua impressão digital na literatura», «a técnica é a única forma de manusear o estilo». Para Jordi, estes conceitos confundem-se, pois são quase a mesma coisa, mas com nomes diferentes. Também aqui nos deixa uma listagem de dicas no que diz respeito à técnica e estilo: em quantos mais capítulos puderes dividir uma história, melhor a poderás contar; dizer o necessário; o uso do diálogo em detrimento do discurso do narrador; capítulos breves, frases curtas; finais rápidos; manter o equilíbrio; não enrolar; escrever sobre qualquer coisa; ser flexível e disciplinado; deixar a narração respirar; a técnica aprende-se, o estilo nasce-se com ele; sugerir em vez de descrever. Quanto à estética, para ele nada mais é do que o «laço do presente», ou seja, a capa, o tipo de letra, o papel, etc.

Continuando a sua comparação à construção de uma casa, apresenta o ritmo, a cadência, a música, as subidas, os *flashbacks*, o tempo, o pulso, os recursos, as subias, os métodos de trabalho, os pontos de viragem, os golpes de efeito, a primeira, segunda e terceira pessoa, como as ferramentas (o martelo, os pregos, as serras, etc).

«Se dispusermos de todas essas ferramentas e soubermos utilizá-las, o resultado será impecável». Mas atenção: cada uma dessas ferramentas tem uma função específica, ou seja, «para onde vai um prego não vai um parafuso...».

Para além de abordar a forma como utiliza os recursos narrativos e os sentidos, conta-nos a importância que dá aos diálogos, «a autêntica base da minha literatura», «aquilo que possam dizer as personagens..., não o diga o narrador», para que sejam fluídos, concisos e diretos. «O que dizer e como dizê-lo, uma vez mais, é o binómio perfeito». Ao longo de várias páginas aprendemos técnicas para escrever diálogos entre duas e mais personagens.

Chegamos agora à parte de escrever, escrever, escrever. Jordi expõe «técnicas para contar e escrever, para envolver e mostrar, para criar e recrear uma e outra vez a magia de narrar algo, por meios que resultem. E aqui encontrámos várias cenas que ele incluiu em algumas das suas obras e a forma como foram escritas: desde cenas violentas, a cenas de amor, cenas íntimas e de sexo, cenas trepidantes, cenas de ação, cenas divertidas, etc.

Para quem escreve, sabe a importância do primeiro capítulo que deve agarrar o leitor, mantê-lo na história. «E se um livro não pode começar em alta ou ter um capítulo 1 que agarre, deve-se procurar fórmulas alternativas, estipular algo forte como o prólogo, criar um mistério, etc.». Mas existem outros fatores a considerar no sucesso de uma obra. O título de um livro é para alguns escritores um trauma, para outros algo sem importância. Para Jordi deve escolher-se com naturalidade, apesar de, segundo ele «...não é fácil ser natural».

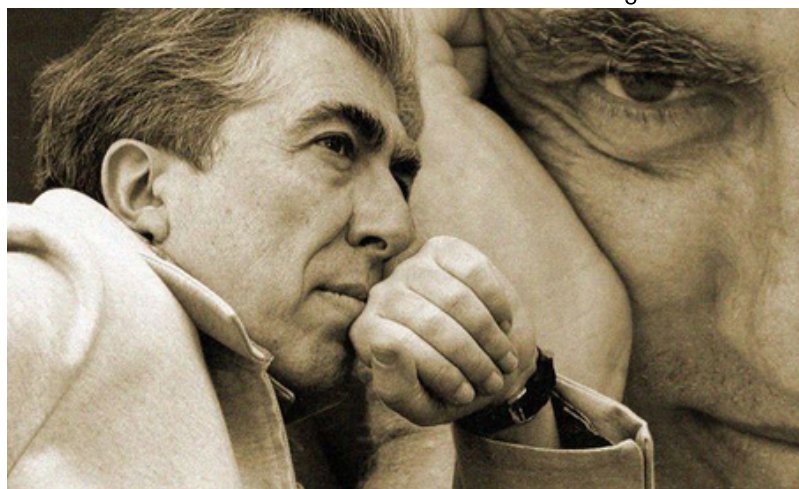
E aqui podem acontecer inúmeras coisas: escolheres um título que já existe num outro livro ou filme ou até o teu editor não gostar daquele que escolheste. Mas não é necessário desesperar. Jordi deixa-nos imensas formas de procurar títulos, pelo que alguma solução iremos encontrar.

Como se não bastasse todos os ensinamentos que nos deixa ao longo do livro para melhorarmos o nosso processo de escrita, as dicas, os truques, as sugestões, ainda nos acrescenta conselhos a aplicar depois do livro terminado. Segundo ele, não se deve dar a ler a obra a ninguém, não se deve corrigir (se o quisermos fazer então o ideal é deixarmos passar uns dias), não se deve guardá-lo numa caixa (um livro está vivo, não se deve guardar mais que três meses), não o queimar ou fechar numa gaveta, «Estás a matar o teu filho», propor o livro a um prémio literário (segundo Jordi é acertado, mas caso não ganhemos há tendência a desmoralizar. Felizmente, o escritor dedica um texto acerca dos cuidados a ter na hora de concorrer).

Mas, na verdade, o trabalho de um escritor não encerra com a publicação do seu livro. Quando ele conhece a luz do dia, temos uma série de atitudes a adotar e nem disso Jordi se esqueceu!

«Teria de viver durante mil anos para escrever tudo o que tenho dentro de mim»

Fonte: Biblioteca Virtual Miguel Cervantes



Ter este livro na mão levou-me a um mergulho fascinante no mundo da escrita. A emoção da aprendizagem constante, do abalo, da contestação. De uma viagem ao nosso eu escritor e do caminho que se percorre, com altos e baixos. Dos desafios que às vezes se apresentam, mas das alegrias também. Jordi é uma fonte de inspiração e de orgulho perante a obra que já reúne e, ainda assim, ter a humildade que o caracteriza.

Deixa-nos conselhos que nos tocam profundamente no coração e que nos incentivam a nunca desistir: «nunca se deve desanimar... Nada pode e deve aniquilar um sonho, por mais difícil que pareça», a importância de caminharmos em estradas que nos levam à felicidade, à realização pessoal. «...não faças caso de nada do que te dizem e monta o teu próprio filme».

Quando Jordi Sierra i Fabra falou em escrever este livro alguém lhe disse «Os mágicos não revelam os seus truques ao público», ao que respondeu «eu não sou um mágico». Depois de ter devorado este livro que considero uma bíblia para quem quer ser escritor ou para quem já o é, não podia discordar mais da sua resposta. Do início ao fim, todo o livro, todas as palavras, as dicas, as sugestões, o humor com que nos presenteia... são pura e simplesmente magia. «Isto é arte, mas também é vida».

Carina Novo



DIA DE PREVENÇÃO CONTRA OS MAUS TRATOS NA INFÂNCIA



30 de abril

Cada criança merece crescer num ambiente seguro, onde o amor e o respeito são a base do seu desenvolvimento. Infelizmente, muitas crianças em todo o mundo são vítimas de maus tratos, físicos, emocionais e psicológicos, deixando cicatrizes profundas que podem durar uma vida inteira. É por isso que o dia 30 de abril é tão significativo, pois marca o Dia de Prevenção Contra os Maus Tratos na Infância, um momento crucial para refletirmos sobre como podemos proteger e cuidar das nossas crianças.

Este dia assume uma enorme importância, pois é uma oportunidade para sensibilizar a sociedade para esta questão e promover ações concretas de prevenção e intervenção. As estatísticas mostram que os casos de maus tratos não são apenas uma realidade distante, mas algo que pode acontecer em qualquer comunidade, em qualquer família. Por isso, é essencial que todos estejamos atentos aos sinais de alerta e saibamos como agir para proteger as crianças em situações de perigo.

Este dia não deve ser apenas uma data no calendário, mas sim um lembrete constante do nosso compromisso para com as crianças. Todos nós, enquanto sociedade, temos o dever de proteger os mais vulneráveis e garantir que cada criança possa crescer num ambiente seguro e acolhedor. É apenas através do nosso esforço conjunto que podemos construir um futuro no qual os maus tratos na infância sejam uma coisa do passado.

Uma das formas mais eficazes de prevenir os maus tratos na infância é através da educação e do apoio às famílias. Ao fornecer recursos e orientação, podemos ajudar os pais e encarregados de educação a lidar com o stress e os desafios da vida quotidiana, reduzindo assim o risco de abuso. Além disso, é fundamental que as crianças saibam que têm direito a serem tratadas com respeito e dignidade e que têm o direito de pedir ajuda se se sentirem em perigo.

No entanto, a prevenção não deve limitar-se apenas a ações individuais. É também responsabilidade do governo e das instituições públicas garantir que existem políticas e programas eficazes para proteger as crianças em situações de risco, incluindo o reforço dos sistemas de apoio às vítimas, a formação de profissionais de saúde e educação e a promoção de campanhas de sensibilização e educação pública.

DOS LIVROS PARA A TELA

Coração de Tinta

Inkheart – Coração de Tinta baseia-se na obra homónima de Cornelia Funke (*Tintenherz* no original), primeiro livro da trilogia *O Mundo de Tinta* (*Die Tintenwelt*); o segundo livro é *Sangue de Tinta* (*Tintenblut*) e o terceiro *Morte de Tinta* (*Tintentod*).

O filme traz-nos a história de Mo, um restaurador de livros com um dom peculiar — consegue trazer para o mundo real personagens ou objetos das obras que lê em voz alta. É um talento que se revela perigoso, porque quando sai uma figura do livro, alguém do mundo real entra nele.

Já a filha Meggie dormia, quando uma noite, não percebendo o risco, Mo lê para a sua mulher lançando-a, inadvertidamente, para dentro do romance. Ao mesmo tempo, outras personagens da história saíram para o mundo real — Dedo Empoeirado, o vilão Capricórnio, o vilão Basta, entre outros. O que Mo lia, naquela noite, era *Coração de Tinta* e é a partir deste episódio que a aventura começa.

Esta ficção reúne personagens cujo carácter se vai revelando nas escolhas e intenções. Mo pretende recuperar o livro (que entretanto desaparecera) para ler a mulher de volta. Dedo Empoeirado deseja voltar para dentro das páginas, pois desde que de lá saiu, apenas deambula sem rumo, ganhando a vida como malabarista e cuspidor de fogo. Por seu lado, Farid, saído do enredo de Ali Babá e os 40 ladrões, prefere ficar no mundo real. Elinor, a excêntrica tia-avó de Meggie, decide ajudar Mo na sua demanda. E Fenoglio, o autor de *Coração de Tinta*, deseja juntar-se às palavras que escreveu. As personagens são envolventes, ricas em conflitos e confrontadas com decisões a tomar. Temos heróis e vilões, mas também anti-heróis e antagonistas.



A premissa coloca-nos questões interessantes, de um ponto de vista fantasioso: se algo ou alguém sai da obra, a história mantém-se? Enquanto ser do mundo real, a personagem alinha agora o próprio destino, independente daquele que lhe foi imposto nas páginas escritas? Dedo Empoeirado revela a sua opinião, num momento de confronto com Fenoglio: «Acha que me importo com o que escreveu? Você não controla o meu destino. Caso contrário, eu não estaria aqui. Não sou apenas uma personagem no seu livro... e você... você não é o meu deus».

Para além do livre arbítrio e da questão sobre controlarmos ou não o nosso destino, há outros temas expressos na narração — o confronto entre o bem e o mal, a importância da família e da amizade, a relação entre a realidade e a fantasia, a importância dos livros, das histórias e da leitura.

Curiosidades

- A autora foi responsável pela escolha de Brendan Fraser para desempenhar o papel de Mo. Na verdade, a personagem foi inspirada no ator. A escritora dedicou-lhe o segundo livro da trilogia.
- Cornelia Funke fez questão de estar envolvida no filme e na escolha do elenco. Por isso, tornou-se uma das produtoras, chegando a mudar-se com a família, de Hamburgo, onde vivia, para Los Angeles.
- Na cena em que Mo se encontra na livraria e tenta encontrar *Coração de Tinta*, as palavras que se ouvem a ser murmuradas são, na verdade, o primeiro parágrafo do capítulo 52.

O próprio realizador, Ian Softley referiu que queria fazer um filme que abrisse a porta entre o mundo real e a imaginação. Quantos de nós não desejaram, em algum momento, poder mergulhar para dentro das folhas impressas que lemos ou, antes, convidar alguma personagem para a nossa sala de estar e conversar enquanto bebemos um chá?

Há quem acuse a obra cinematográfica de superficialidade por não aprofundar a trama e não desenvolver mais as personagens. Mesmo assim, o filme tem fãs, que enaltecem o trabalho dos actores, o argumento, os efeitos visuais; atribuem, até, uma aura teatral a alguns cenários, que vem oferecer um toque de magia à narrativa e nos faz sentir que podemos estar, quem sabe, a viver a história do livro.

- O ator Rowan Atkinson, conhecido por Mr. Bean, chegou a ser considerado para o papel de Capricórnio.
- O filme foi filmado na Itália, Inglaterra e Suíça.



Ficha Técnica

Nome: Inkheart

Realizador: Ian Softley

Ano de estreia: 2008

Atores: Brendan Fraser, (Mo), Eliza Bennet (Meggie), Paul Bettany (Dedo Empoeirado), Helen Mirren (Elinor), Andy Serkis (Capricórnio), Rafi Gavron (Farid), Jim Broadbent (Fenoglio)



Sobre a autora — Cornelia Funke

- Nasceu a 10 de Dezembro de 1958 em Dorsten, Alemanha.
- Escreve e ilustra livros infantis e juvenis. Conta com mais de quarenta obras publicadas.
- Acrescentou à trilogia um quarto livro com 3 contos: «Mundo de Tinta — Contos»
- Tem recebido vários prémios e em 2005 a Revista *Time* nomeou-a como uma das 100 pessoas mais influentes.
- Trabalhou como assistente social. Apoia vários projetos e organizações, por todo o mundo, sobretudo no que se refere aos direitos de mulheres e crianças.
- É fundadora da *Rim of Heaven* — fundação que apoia projetos no âmbito das artes visuais, escrita, música e defesa e conservação da natureza e vida selvagem.
- Tem uma quinta na Toscana, Itália, onde desenvolve residências artísticas para jovens de todo o mundo. É ela que os convida. Para descobrir mais: corneliafunke.com

Alexandra Duarte

Fonte: DW



A PALAVRA É TUA!

Crónica

A dez mil pés da Terra, de Manuela Vieira

Os olhos falam quando o coração sente. E não importa a idade. Foi uma emoção tão verdadeira, tão sem disfarce que, mais uma vez, a ideia de que as histórias para os mais novos são também para os adultos, se confirma.

Fecha a Torneira Quando Lavares os Dentes, um título sugestivo para quem se preocupa com a vida no planeta, mas a esconder a possibilidade de um mergulho muito mais profundo do que aparenta. Tenho a perfeita noção de que o Joni, o personagem principal deste livro, desencadeia uma terna magia em qualquer pessoa. A indiferença deixa de existir sempre que alguém o lê. Qualquer que seja a idade.

O mundo parece estar às avessas, mas não. A humanidade emociona-se. Aliás, é o que nos torna humanos. É isso que nos dá esperança, perante o caos dos conflitos gritantes que navegam no mundo e badalados por todos os meios de comunicação.

Há histórias que ficam na história de quem as lê. Trago-te esta. A do pequeno Joni. O rapaz que soube sonhar e fazer tremer as entranhas dos seus leitores. As entranhas emocionais, aquelas que nos empoderam e nos mostram caminhos.

Onde há sonhos, há esperança; onde há esperança, há ação. O acontecer fica no processo. Crescer é isso mesmo. Conseguir ver possibilidades. Sobretudo aquelas que se iniciam pela nossa capacidade de realização.

O sentido da vida surge em cada propósito traçado por nós. Adultos ou mais novos. Todos, de alguma forma, aprendemos a abraçar a vida. Escorregamos muitas vezes. Joni também se deslumbrou com o carrossel, mas não esmoreceu. Continuou a sua luta. As forças quase lhe fugiram, quando a vida ditou as regras. Mas o bom combate compensa.

Os olhos do homem estavam marejados de lágrimas. “Quero comprar esse livro para o meu filho!”, disse emocionado.



«Fecha a Torneira Quando Lavares os dentes é a força do amor que se movimenta através das letras»

A PALAVRA É TUA!

Crónica

A dez mil pés da Terra, de Manuela Vieira

Vou contar-te este episódio desde o início:

O casal sentou-se ao meu lado. Viajávamos de avião. Depois da descolagem e do avião se estabilizar por cima das nuvens, relaxei um pouco, li algumas páginas dum livro que levava comigo e, de seguida, porque me sentia inspirada, abri o portátil. Comecei a escrever entusiasmada. Uma linha atrás de outra. Escrevia no momento um conto para adultos.

Na mochila, o *Fecha a Torneira Quando Lavares os Dentes* com o selo do PNL aguardava um novo destino. Certamente, para ele estaria reservado um quarto infantil, uma estante com outros tantos livrinhos. Engraçado pensar por esse prisma. Sim, os livros acabam por ser filhos que mais cedo ou mais tarde correm o mundo. Em busca de novas famílias. A pensar assim, vejo que os físicos são mais arejados do que os digitais. Estes, fecham-se num clique e a noite invade-lhes o espaço.

Embrulhada na escrita, apenas o som do avião, que se tornava rotineiro nos ouvidos, se fazia sentir. Havia quem dormisse, outros conversavam baixinho. A determinada altura, apercebi-me de um discreto pedido para passar. O senhor sentado ao meu lado precisava de se deslocar para o WC. Levantei-me com o portátil na mão e

aproveitei para esticar as pernas. Fiquei encostada ao assento e continuei a escrever em pé. Ele voltou e sentámo-nos. Fiz uma pausa, estiquei os braços para a frente, e percebendo-me num intervalo, com simpatia questionou se eu era escritora. Disse-lhe que sim e mostrei o meu último conto editado pela Trinta Por Uma Linha: *Fecha a Torneira Quando Lavares os Dentes*, o livro acima mencionado. Perguntou-me se o podia ler. Concordei e silenciamos. Ele porque iniciou a leitura, eu porque voltei toda a atenção para o novo conto que estava a escrever.

Passado algum tempo, o senhor devolveu-me o livro e disse-me: “Eu chorei”. Engoliu em seco e voltou a falar: “Quero comprar este livro para o meu filho”, ainda acrescentou “Ele tem 3 anos, mas vai crescer, quero que ele o leia, ou melhor, vou ler para ele”.

A PALAVRA É TUA!

Crónica

A dez mil pés da Terra, de Manuela Vieira

Uau! Fiquei sem ar. O momento foi de emoção. Uma energia vibrava no espaço. Eu sabia o porquê. Eu já a tinha sentido quando finalizava o livro. E volto a senti-la todas as vezes que conto a história às crianças e adultos, quando faço as apresentações.

Lembrei-me de que, da última vez que contara a história a um grupo de crianças, sentira o mesmo que este pai. Um rapazito dos seus 9 anos dissera-me: “Eu também tenho um sonho, vou lutar por ele”. Falou com tanta convicção e emoção, que correu e veio abraçar-me.

No momento vieram-me à mente as palavras de António Gedeão no belíssimo poema “Pedra Filosofal”: “Quando um homem sonha, o mundo pula e avança”. É verdade, grande verdade.

Quando alguém sonha, humaniza-se e tudo pode acontecer. E, naquele momento, o olhar profundo do passageiro ao meu lado, fora inesperado. Intenso. Sonhador. Diria, mesmo, uma emoção nas nuvens! Literalmente nas nuvens. A dez mil pés da Terra. (ou coisa parecida).

**Rafael Ferreira, 10 anos
(Torres Vedras)**

Microconto

A nossa mente funciona assim: -----, uma linha reta.
Quando pensamos numa coisa que desafia os deuses, funciona assim:



DECÁLOGO DE ESCRITA

RODY DOYLE

Fonte: The New Yorker



Roddy Doyle nasceu em 1958, em Dublin, na Irlanda, e foi professor de inglês e geografia até ter sucesso como escritor no início dos anos 1990. Romancista, roteirista e dramaturgo para adultos e crianças, tornou-se conhecido com a trilogia *Barrytown*, cujo primeiro livro, *The Commitments*, lançado em 1991, teve grande sucesso no cinema!

1. Não coloques uma fotografia do teu autor favorito na tua secretária, especialmente se o autor for uma daquelas pessoas famosas que se matou.
2. Sê bondoso contigo mesmo. Enche as páginas o mais rápido possível, usa o espaço duplo. Considera cada nova página um pequeno triunfo...
3. ... Até chegar à página 50. Em seguida, acalma-te e começa a preocupar-te com a qualidade. Fica ansioso – é o teu trabalho.
4. Dá um título ao teu manuscrito o mais rápido possível. Dickens sabia que Bleak House se chamaria Bleak House antes de o começar a escrever. O resto deve ter sido fácil.
5. Limita a navegação a alguns sites por dia. Fica longe das apostas, a menos que faças parte da investigação.
6. Mantém um dicionário de sinónimos, mas no quarto dos fundos ou atrás do frigorífico, nalgum lugar onde seja difícil chegar-lhe. As palavras que vêm à mente serão suficientes, por exemplo, "cavalo", "correu", "disse".
7. Às vezes cede à tentação. Lava o chão da cozinha, pendura a roupa. Faz parte da investigação.
8. Muda de ideia. Boas ideias geralmente são assassinadas por ideias melhores. Eu estava a trabalhar num romance sobre um grupo chamado «Comparsas», mas mudei e ideia e decidi chamá-lhe *Os Comprometidos*.
9. Não procures na Amazon o livro que ainda não escreveste.
10. Dedicar alguns minutos de cada dia a trabalhar na biografia da contracapa de: "Divide seu tempo entre Cabul e Terra do Fogo". Mas depois volta ao trabalho.

DE VIVA VOZ

Os idiomas têm frases, ditos, expressões comuns com um significado claro para quem os usa, mas que te deixam «a ver navios», isto é, sem perceber nada. São as ditas «expressões idiomáticas». A língua portuguesa está cheia delas.

Engolir sapos

A origem da expressão popular “engolir sapos” deu-se por uma das histórias escritas na Bíblia: As pragas do Egito. Uma das pragas era constituída pela invasão de milhares de rãs, por todo o território egípcio. Durante a preparação e ingestão de alimentos, lá estavam os anfíbios. Os animais não apenas invadiam os ambientes – cozinhas, quartos, casas de banho –, como também os pratos dos habitantes do reino. Daí a expressão: “Engolir sapos”, ou seja, suportar situações desagradáveis sem qualquer manifestação. Neste caso, significa que nos abstermos de dizer aquilo que gostaríamos de dizer por alguma condicionante maior ou que assim o parece.

Dor de cotovelo

Usada de forma muito corrente, “dor de cotovelo” foi convencionada como sendo a dor dos invejosos. Se por acaso alguém desdenha dos frutos do trabalho de uma outra pessoa, diz-se que está com “dor de cotovelo”. Talvez por ser uma dor muito chata e peculiar, mas persistente.

Dar o braço a torcer

Permitir que nos torçam o braço visa expressar que cedemos a uma opção que inicialmente não era a nossa. Supondo que alguém tem uma postura muito fixa e teimosa em relação a uma qualquer questão.

Quem anda à chuva, molha-se!

Esta é uma das minhas favoritas! Quer dizer que todas as ações têm consequências e que, no fim, é necessário lidar com elas. Quem age sem pensar primeiro tem tendência para não gostar do que se sucede. Molhar-se neste caso está associado a uma consequência má.

Chegar a roupa ao pelo

Outra muito “portuguesa”, quando se ameaça alguém de “se lhe chegar a roupa ao pêlo”, ameaça-se de violência física subtilmente. É sinal que uma das partes está a ficar extremamente descontente e que qualquer outro passo em falso pode causar problemas maiores para a parte oposta. Às vezes é usado em tom de brincadeira, mas sempre irónico. É necessário estar muito atento e compreender o contexto para perceber com que intenção é dito.

Dia D/Hora H

Duas expressões que querem dizer “É hoje o dia!” ou “É esta a hora!”. Indica confiança e que a pessoa acredita que algo de bom acontecerá naquele momento. Se alguém disser “Chegaste mesmo na Hora H!”, também quer dizer que se chegou mesmo no momento exato ou na hora pretendida. É tão improvável chegar num momento exato, que esse momento tende a ser ressaltado.



CITAÇÕES

A liberdade é o oxigénio da alma.

Moshe Dayan, político e líder militar israelita

No seu sentido mais verdadeiro, a liberdade não pode ser concedida. Deve ser conquistada.

Franklin D. Roosevelt, presidente dos Estados Unidos da América entre 1933 e 1945

A liberdade não é mais do que uma oportunidade para sermos melhores.

Albert Camus, filósofo, escritor e jornalista francês

Deixarmo-nos ir dá-nos liberdade e a liberdade é a única condição para a felicidade. Se, no nosso coração, ainda nos apegamos a coisas como a raiva, a ansiedade ou a necessidade de posse [de bens materiais], não podemos ser livres.

Thich Nhat Hanh, monge budista, pacifista, escritor e poeta vietnamita

A liberdade, em qualquer dos casos, só é possível se lutarmos constantemente por ela.

Albert Einstein, físico de origem alemã

Liberdade não é o direito de vivermos como quisermos. É o direito de descobirmos como devemos viver para poder desenvolver todo o nosso potencial.

Ralph Waldo Emerson, escritor, filósofo e poeta norte-americano

Para mim, só existe uma liberdade e essa liberdade é a liberdade da mente.

Antoine de Saint-Exupéry, autor do livro "O príncipezinho"

A liberdade não consiste em recusarmo-nos a reconhecer algo que está acima de nós, mas, sim, a respeitar algo que está acima de nós. Pois, ao respeitá-lo, elevamo-nos e, pelo nosso próprio reconhecimento, provamos que temos dentro de nós aquilo que é mais elevado e somos dignos de viver nesse nível [superior].

Johann Wolfgang von Goethe, estadista e escritor alemão

Devemos ser livres não porque reivindicamos a liberdade, mas porque a praticamos.

William Faulkner, escritor norte-americano

A liberdade não é uma dádiva que nos foi concedida por outros homens mas, sim, um direito que nos pertence pelas leis de Deus e da natureza.

Benjamin Franklin, político, abolicionista, cientista, diplomata e inventor norte-americano

Mais vale morrer a lutar pela liberdade do que viver o resto da vida preso.

Bob Marley, cantor e compositor jamaicano

O ato mais corajoso ainda é pensarmos por nós próprios. Em voz alta.

Coco Chanel, estilista francesa

Eu não sei que escolha é que outros fariam, mas, a mim, deem-me a liberdade ou deem-me a morte.

Patrick Henry, figura proeminente na revolução americana

A liberdade é o que uma pessoa faz com o que lhe fizeram.

Jean-Paul Sartre, filósofo, escritor e crítico francês



PARA BRINCALHARES

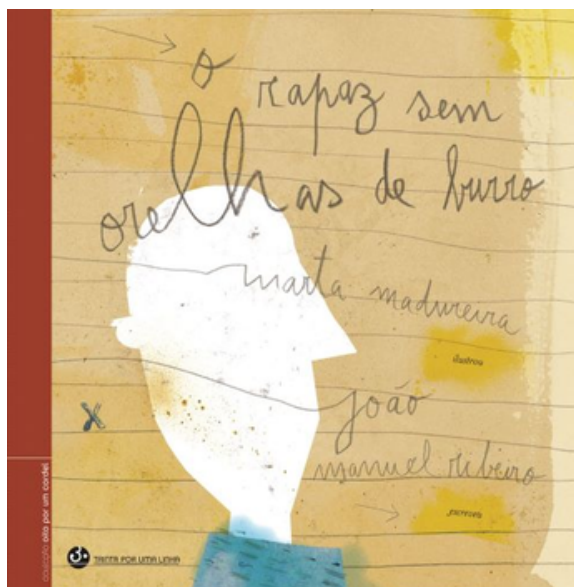
O rapaz sem orelhas de burro

Embora ninguém lhe conheça a geografia, há um país onde os homens e as mulheres têm orelhas de burro.

Assim começa o livro «O rapaz sem orelhas de burro», da autoria de João Manuel Ribeiro e ilustrações de Marta Madureira, que te apresentamos neste número. Lê o conto, faz perguntas, se necessário pede ajuda aos professores ou aos teus pais, vais ver que se trata de uma fábula muito interessante.

E depois, porque não brincar um pouco? Sabes que se pode contar uma história de várias maneiras? Podes desvendar o que aprendeste com esta leitura e apresentar «O rapaz sem orelhas de burro» aos que ainda não o conhecem.

Trazemos algumas propostas que podes realizar na escola, com os teus amigos. Terás alguma preferida?



Telejornal na escola

Imagina que és jornalista e vais entrevistar, no telejornal, «O rapaz sem orelhas de burro». Que perguntas lhe farias? Podes representar para a tua turma. Um amigo fará o papel do rapaz, tu o do jornalista e os outros colegas serão a audiência a assistir ao telejornal, em direto da tua sala de aula.

PARA BRINCALHARES

O rapaz sem orelhas de burro

Embora ninguém lhe conheça a geografia, há um país onde os homens e as mulheres têm orelhas de burro.



Fadas

Quais as fadas que fazem parte da história? O que significam para ti? Que valores representam? Como as imaginas? Desenha cada uma numa folha e apresenta-as aos teus colegas.

Como se chama o país?

Inventa um nome para o país onde todos têm orelhas de burro. Como o imaginas? Como são as casas, os passeios, as árvores, os animais? Diz aos teus companheiros para fazerem o mesmo. Depois, partilhem as vossas opções. Será que são muito diferentes?

Um país ao contrário

Imagina um país ao contrário daquele que conheceste neste livro, um país onde os cidadãosensem por eles mesmos, que sejam governados por um príncipe bondoso, onde haja justiça e todos se ajudem uns aos outros. Que nome davas ao país? Que orelhas achas que os cidadãos teriam? Inventa uma pequena fábula.

PARA BRINCALHARES

O rapaz sem orelhas de burro

Embora ninguém lhe conheça a geografia, há um país onde os homens e as mulheres têm orelhas de burro.

A mala misteriosa

Na verdade, não tem de ser uma mala, pode ser um saco, uma mochila, o que for mais fácil para ti. Podes fazer um desenho de uma cena do livro e colar na parte da frente. Depois, escolhe 5 objectos que simbolizem algo da história e coloca-os lá dentro. Posteriormente, irás mostrar, um a um, aos teus amigos e explicar o que representam para ti. Mas, antes da tua explicação, pergunta-lhes se adivinham o seu significado.

Novas ideias

Se tiveres outra ideia para interpretar ou representar «O rapaz sem orelhas de burro» não tenhas receio e põe mãos à obra. Podes enviar-nos fotografias do teu evento que, certamente, terá tido muito êxito.

Fantoches

Fabrica um fantoche para cada personagem — podes usar qualquer material que tenhas em casa, pede aos teus pais. Adapta, depois, o conto e faz a sua encenação. Cada um dos teus colegas será, também, responsável por um fantoche.

Contacta-nos através das redes sociais ou por e-mail



@editoratrintaporumalinha

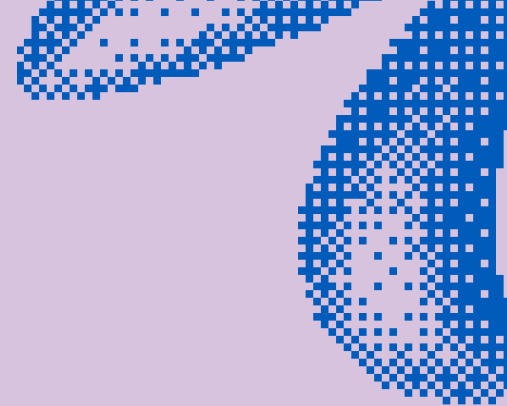


Trinta Por Uma Linha Editora



geral@trintaporumalinha.com

NOTÍCIAS



Retiro 2023 e 2024

A 10 e 11 de junho passado, a Trinta-por-uma-linha realizou o 2.ª Retiro Literário, dinamizado por João Manuel Ribeiro, com a colaboração de Ana Bolox, Jordi Sierra i Fabra e José Vaz. Este evento contou com 25 participantes e ocorreu em Vila Nova de Gaia.

Este ano, **a 3.ª edição terá lugar a 15 e 16 de junho, no TEAR – Artes e Cultura** (em Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses) e contará com as participações de Nuno Higino, Armando Requeixo e Gabriela Sotto Mayor.

As inscrições estão abertas em

<https://www.trintaporumalinha.com/retiro-2024>

Vencedora do Concurso do Laboratório

Teresa Dangerfield foi a vencedora da 1.ª edição do Concurso do Laboratório Digital de Escrita Criativa, em que tinha de seguir a estrutura da jornada do herói, com o texto **Heróis da Floresta**.

O livro será publicado este ano. Muitos parabéns!

Gala de Reis I 2.ª edição

No passado dia 06 de dezembro, teve lugar a 2.ª Gala de Reis da trinta-por-uma-linha, no Hotel Holliday Inn, em Vila Nova de Gaia.

Neste evento, foram distinguidas as escritoras

Carina Novo (por ser a 1.ª aluna da mentoria)

Agostinha Pópulo e **Paula Margarida Pinho**

(por verem os seus primeiros livros recomendados pelo Plano Nacional de Leitura).

Summit On-line de Escrita Criativa I 6.ª edição

A VI edição do Summit On-line de Escrita Criativa, a 27 de janeiro, contou com a participação de 70 professores e escritores.

As temáticas estiveram a cargo de **Pilar Verdú del Campo**, **Vicente Marco**, dos escritores **António Mota** e **João Manuel Ribeiro**.

Segundo o testemunho dos participantes foi um evento proveitoso e fantástico. Para o ano haverá mais.

O espaço TEAR - Artes e Cultura

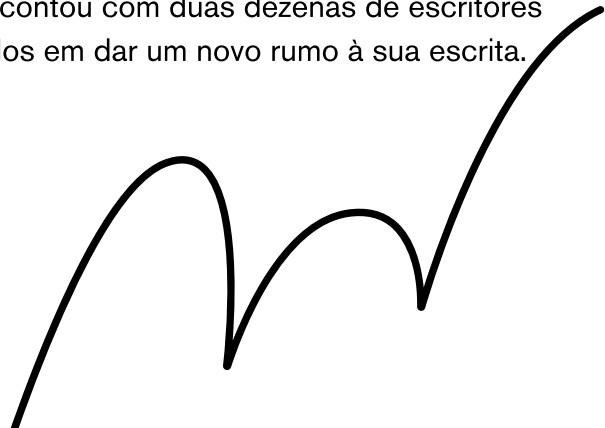
Desde o passado dia 13 de janeiro que a **Tropelias & Companhia -Associação Cultural** dispõe de um espaço (uma antiga escola primária), em Vila Boa do Bispo (Marco de Canaveses), numa parceria com a **Junta de Freguesia**.

O espaço intitula-se **TEAR - Artes e Cultura** e acolhe uma exposição permanente de ilustração, uma mini biblioteca e eventos literários.

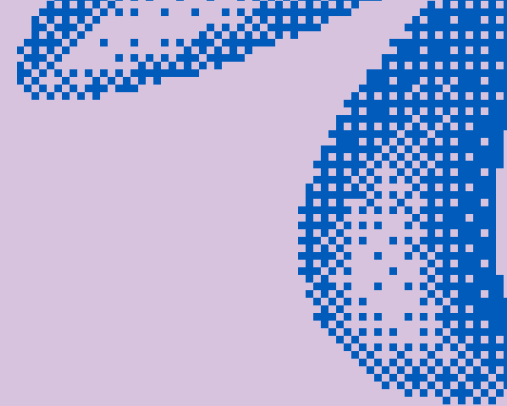
Pretendemos que seja um espaço de cultura e dinamização da escrita e da leitura para a Trinta-por-uma-linha Tribo (e não só).

Workshop Torna-te escritor de LIJ

Este *workshop* ocorreu a 16 de março, on-line e gratuito e contou com duas dezenas de escritores interessados em dar um novo rumo à sua escrita.



NOTÍCIAS



Workshop Liberta a escrita que há em ti

No passado dia 10 de fevereiro, o espaço TEAR acolheu o *workshop* **Liberta a escrita que há em ti**, dinamizado por João Manuel Ribeiro e com a participação de uma dezena de pessoas.

O mesmo *workshop* será realizado na ilha da **Madeira, na manhã do próximo dia 13 de abril.**

As inscrições estão abertas. Podes inscrever-te aqui:

docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSehz_Z_ksbjGZ6fUdzU12Cy5X9k1-ru9AEBczlGc2vnFkzFTQ/viewform

Desafio On-line Como escrever poesia infantojuvenil em 14 dias?

Na segunda quinzena do mês de abril, vamos apresentar/lançar a 1.ª edição do Desafio On-line **Como escrever poesia infanto-juvenil em 14 dias?** O objetivo é fomentar a escrita de poesia infantojuvenil, através do conhecimento e manejo de técnicas específicas deste tipo de poesia com estes destinatário. Em breve abrirão as inscrições.

Desafio On-line

A 4.ª edição do Desafio On-line **Como escrever uma história infantojuvenil em 14 dias?**

decorreu de 1 a 21 de fevereiro, com a participação de 28 escritores. Os vencedores do Concurso deste desafio foram Alexandra Maria Duarte: **Querido diário**, Ana Oliveira: **As girafas também gostam de molhar os pés**, Gizela de Brito: **A Menina que não sabia sonhar**, João Silva: **O conto que serviu panada e virou**

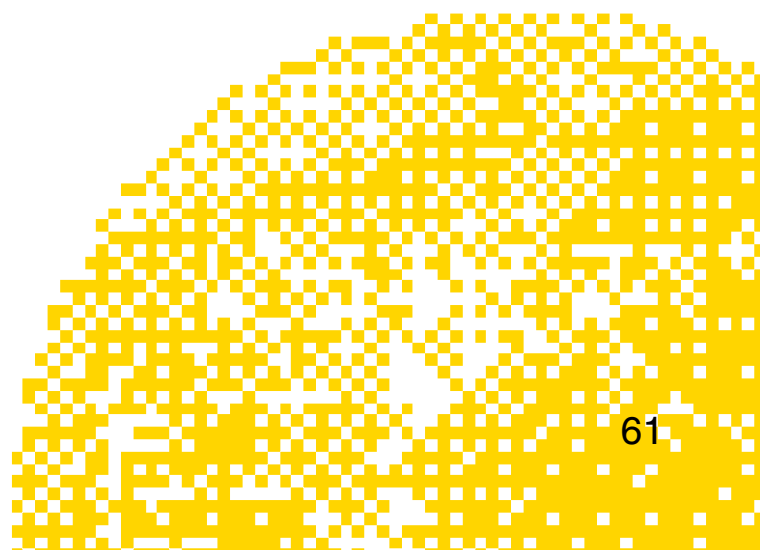
panado, Margarida Teixeira Lucas, **A presunção de um botão**, Maria Gaio: **A gota plim**, Sandra Santos: **As gavetas do tempo** e Susel Pereira **Gaspar: O resgate do livro perdido.**

Muitos parabéns aos selecionados. A antologia será publicada até ao fim de 2024 e contará com a inclusão dos contos selecionados da 3.ª edição.

Celebrar o Dia Internacional do Livro Infantil

Quem escreve literatura infantil e juvenil sente sempre algum incómodo pelo facto o Dia Internacional do Livro Infantil, celebrado a 02 de abril, no aniversário do nascimento de Hans Christian Andersen, calhar quase sempre em período de interrupção letiva.

Como celebrar digna e festivamente este dia sem a participação efetiva daqueles a quem o livro e as histórias se destinam? Havendo dificuldade em reunir as crianças e os jovens, porque não reunir pelo menos alguns escritores para celebrar o dia? Com o propósito, vamos celebrar o Dia Internacional do Livro Infantil, no próximo dia **06 de abril, sábado, no espaço TEAR**, em Vila Boa do Bispo, Marco de Canaveses. Basta apareceres!





VAMOS CELEBRAR O Dia Internacional do Livro Infantil

Mesa - 11h

E se as histórias para crianças
passassem a ser de leitura obrigatória
para os adultos?

Seriam eles capazes de aprender realmente
o que há tanto tempo têm andado a ensinar?
José Saramago (A maior flor do mundo, 2001).

BEATRIZ MEIRELES
ELISABETE BRITO
CARINA NOVO

Seguida de Narração Oral,
POR CARINA NOVO

Mesa - 14.30h

Nenhum livro para crianças
deve ser escrito para crianças.
Fernando Pessoa

ANABELA BORGES
JOAO MANUEL RIBEIRO

Seguida de Narração Oral,
POR CARINA NOVO

Hans Christian Andersen

06 DE ABRIL

TEAR - ARTES & CULTURA



tropellas  companhia



A VOZ DOS CRAVOS

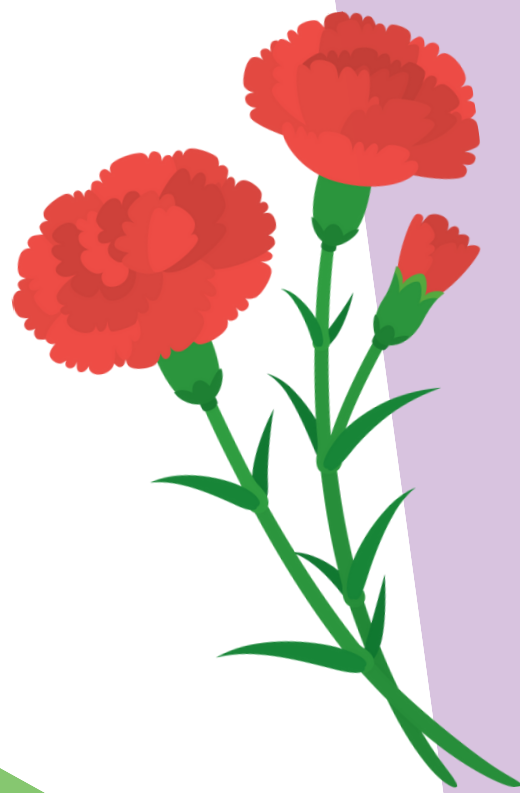
Sou de um país onde os cravos são palavra
são arma, luta, canção

País numa flor inteiro
onde o vermelho foi dor
hoje é voz, libertação

Este país é o meu
onde os cravos são palavra
dizem mar, azul e céu

Um abril em cada voz
uma flor por coração
batendo forte no peito
ao ritmo de uma nação

Maria da Conceição Vicente
(in 25 DE ABRIL 40 ANOS DE
LIBERDADE, 2013)



TRINTA POR UMA LINHA